

LUDMILLA CARNEIRO ARAÚJO

**REALIDADES PRODUZIDAS NOS COTIDIANOS DE UMA REPÚBLICA
ESTUDANTIL FEMININA**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa, como
parte das exigências do Programa de
Pós-Graduação em Educação para
obtenção do título de Magister
Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

A663r
2018

Araújo, Ludmilla Carneiro, 1990-
Realidades produzidas nos cotidianos de uma república
estudantil feminina / Ludmilla Carneiro Araújo. – Viçosa, MG,
2018.
xi, 86 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Eduardo Simonini Lopes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f. 84-86.

1. Universidade Federal de Viçosa - Habitação de
estudantes. 2. Convivência. 3. Estudantes universitários -
Atividades. 4. Festas. 5. Qualidade de vida. I. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de Educação. Programa de
Pós-Graduação em Educação. II. Título.

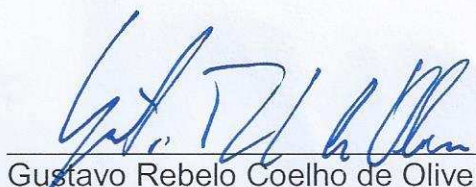
CDD 22. ed. 378.1971

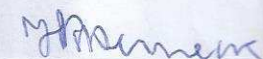
LUDMILLA CARNEIRO ARAÚJO

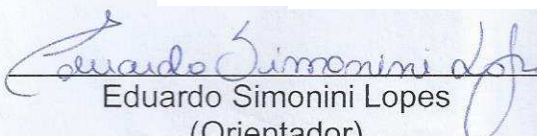
**REALIDADES PRODUZIDAS NOS COTIDIANOS DE UMA REPÚBLICA
ESTUDANTIL FEMININA**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Educação, para obtenção do título
de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 27 de agosto de 2018.


Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira


Heloisa Raimunda Herneck


Eduardo Simonini Lopes
(Orientador)

“Escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido.”
Gilles Deleuze

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como este não seria possível de se realizar sem a ajuda de muitas pessoas, e, neste momento, me dedico a agradecer a todas que participaram, que deram sugestões, que me afetaram, que me ajudaram a compor as realidades descritas aqui e que me apoiaram durante o processo de escrita desta pesquisa.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Lino e Cristina, por me apoiarem sempre em minhas escolhas, e por me darem tanto amor e segurança nos meus dias. Com eles aprendi a importância dos estudos e de buscar ser sempre melhor, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Obrigada por serem meus exemplos e por nunca deixarem faltar nada.

A minha irmã Thais, por ser minha melhor amiga, por dividir os problemas e incertezas da vida comigo e por me ensinar a amar incondicionalmente. Ter uma irmã é ter a certeza de que existem amizades eternas. Obrigada por tudo, por tanto!

As minhas amigas de Ubá, em especial a Mariana, por me alegrar nos dias em que isso parecia ser impossível, por me ajudar a espairar quando os dias estavam sufocantes, e pela amizade que parece ter vindo de outras vidas.

Aos colegas da turma do mestrado/2016, pelos momentos agradáveis durante as aulas, pelos cafés na lanchonete do Itaú e pelas trocas de conhecimento, afetos e compreensão durante este período.

A Gabriela, pela amizade que ultrapassou as portas da Universidade, por caminhar ao meu lado durante este processo, me acalmando quando necessário, lendo meus trabalhos, dando sugestões e me fazendo enxergar uma luz nos momentos mais obscuros. Obrigada por me receber em sua casa todas as vezes que precisei, e por me acolher em sua família. Você é uma grande alegria em minha vida!

A Adriana, por me ensinar a ser forte, por ser um exemplo de mulher, mãe e professora. Dri, aprendi muito com você neste tempo, sua amizade é um presente!

Ao Ludimar, pelos momentos divertidos, pela amizade e companheirismo que tanto me ajudaram neste percurso.

Agradeço, também, ao meu orientador Eduardo Simonini, primeiramente pela confiança em mim depositada. Obrigada, também, por me receber sempre cheio de ideias e empolgação sobre minha pesquisa, me ajudando a compor com teóricos e conceitos que eu achava impossíveis de entender. Sem você este trabalho não teria sido construído. Obrigada pela orientação impecável!

A todos os professores do Departamento de Educação que contribuíram para o meu crescimento teórico, em especial a professora Heloisa Herneck, pelos afetos alegres que juntas nós produzimos, e por ter acompanhado todo o trajeto de minha pesquisa. Heloisa, além de professora, se tornou uma grande amiga. Te admiro muito, Helô!

Ao grupo de estudos “Cotidianos em Devir”, por ter me mostrado que a educação vai muito além do que nos é ensinado pelos currículos e por potencializar minha formação acadêmica com as riquíssimas discussões. Participar deste grupo contribuiu para muitas escolhas teóricas/metodológicas que se encontram neste trabalho.

A Eliane e Naiany, pela competência em organizar as burocracias relacionadas ao programa, e por nos alegrar nos dias de aulas no Departamento de Educação.

Ao professor Gustavo Coelho pela disponibilidade que demonstrou em participar da banca, pela leitura e considerações que foram de grande valia para a finalização desta dissertação.

A FAPEMIG, por tornar mais fácil a dedicação diária de minha pesquisa.

Agradeço, por fim, as “minhas meninas” da república feminina pesquisada, por me darem espaço e acolhimento que muito me ajudaram a tecer esta pesquisa. Obrigada pelos momentos de risada e diversão, por me fazerem reviver meus momentos de estudante de graduação. Obrigada pela companhia, pelos almoços, passeios e risadas. Vocês foram incríveis, imprescindíveis para que tudo desse certo!

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	x
1 - INTRODUÇÃO	1
2 - PRODUZINDO REALIDADES	4
2.1 - Produção de subjetividade	10
2.2 – Currículo como invenção	15
3 – MODOS DE MORAR EM UMA UNIVERSIDADE E EM SEUS ARREDORES	20
3.1 - Repúblicas Estudantis	23
4 – TRAJETÓRIAS QUE ME LEVARAM A ESSA PESQUISA	27
5 - OS CAMINHOS DE UMA PESQUISA QUE ME COMPÕE	34
5.1 Narrativas que nos atravessam e dão sentido à vida	38
6 – SEGUINDO PISTAS DE PRODUÇÃO DE MUNDOS	47
6.1 – A república, as moradoras: primeiros encontros	51
6.2 – Individualidades e coletividades que se confrontam	57
6.3 – Produções de feminilidades	64
6.4 – Spotted Party	69
7 – CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS	78
8 – REFERÊNCIAS	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFV – Universidade Federal de Viçosa

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

PPGE – Programa de Pós-graduação em Educação

ESAV – Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais

UREMG – Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

UC – Universidade de Coimbra

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UNE – União Nacional dos Estudantes

DCE – Diretório Central de Estudantes

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tirinha da Mafalda (Quino).....	4
Figura 2: Foto externa da República Pureza, uma das primeiras repúblicas de Ouro Preto, Minas Gerais, fundada em 1939. Fonte: Página da República no Facebook.....	25
Figura 3: Capa da Comunidade das Repúblicas Estudantis no Facebook.....	29
Figura 4: Carta enviada à Andrea Daher.....	41
Figura 5: Segunda carta enviada à Andrea Daher.	44
Figura 6: Pintura de mãos na parede da sala da república feminina.....	49
Figura 7: Aviso sobre multa na república.	50
Figura 8: Diálogo no grupo do WhatsApp da república sobre a chegada das amigas de Marcela.	60
Figura 9: Diálogo no grupo do WhatsApp da república sobre os incômodos causados pelas amigas de Marcela.	61
Figura 10: Diálogo no grupo do WhatsApp da república em que Marcela expõe o que estava sentindo em relação aos últimos conflitos.	63
Figura 11: Cartaz da festa Spotted Party - Arquivo pessoal.....	69
Figura 12: Fantasias de abóbora safadinha, Uber, lutadora e coelhinha da Playboy, respectivamente. Arquivo pessoal.....	71
Figura 13: Agradecimento às repúblicas (Convite de formatura da UFV)	79
Figura 14: Logomarca de repúblicas em convite de formatura/UFV	80
Figura 15: Imagem da página Spotted UFV no facebook.....	82

RESUMO

ARAÚJO, Ludmilla Carneiro, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2018. **Realidades produzidas nos cotidianos de uma república estudantil feminina**. Orientador: Eduardo Simonini Lopes.

As repúblicas estudantis são espaços relacionais que vitalizam o cotidiano de muitas cidades universitárias, especialmente a cidade de Viçosa. Esta, desde a criação da Universidade Federal de Viçosa (então Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais – ESAV) na década de 1920, traz consigo um movimento de abrigar discentes em um sistema de moradia compartilhada que ganhou o nome de “república”. Este trabalho, portanto, teve como objetivo seguir e mapear algumas produções de realidades tecidas em uma república feminina da cidade de Viçosa/Minas Gerais, composta por estudantes da Universidade Federal de Viçosa (UFV) vindas de diferentes partes do Brasil. A partir das considerações de Guattari, Rolnik (2010), Elias (1992) e Spinoza (2009), sustentei nesta investigação que as realidades são antes de tudo dimensões relacionais, sendo produzidas na dinâmica plural dos encontros e das produções de subjetividade. Para seguir tais realidades produzidas, apoiei-me na construção de narrativas a partir dos afetos que emergiram das cenas que me afetaram quando do meu habitar, pelo período de um mês, uma república feminina que apoiava festas estudantis. Nesse sentido, realizei uma pesquisa de intenção cartográfica, construindo narrativas por meio das conexões que iam se tramando no cotidiano desta república, das histórias contadas pelas moradoras, dos momentos que passamos juntas e das festas que participamos. Para isso segui as tramas relacionais tecidas em meu conviver e fiz uso do caderno de campo para registro das narrativas. Seguindo as conexões relacionais ativadas no viver cotidiano da/na república, vi sustentada a minha hipótese de que tanto na república quanto nas festas por ela apoiadas/organizadas acontecem produções de conhecimentos, de currículos praticados no convívio que interferem para a formação dessas estudantes. São conhecimentos que surgem no construir diário das relações, onde questões sobre sexualidade, prazer, organização do convívio, exercício de limites, consideração pela

diferença que a presença do outro exerce nos espaços de partilha..., tudo isso surge como fatores que compõem experiências existenciais. As cenas que emergiram no convívio na república e nas festas também me levaram a discussões sobre moral, ética, religião, construções de gênero, feminilidades, currículos, amizade, cooperação, diferença, dentre outros. Contudo, não pretendi totalizar e/ou esgotar as discussões, apenas indicar possíveis caminhos argumentativos no seguir os fios de afetos que me ativaram. Acredito que muitas outras trajetórias argumentativas poderiam e ainda podem ser feitas envolvendo outros elementos que fluam a partir dos encontros.

ABSTRACT

ARAÚJO, Ludmilla Carneiro, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, August, 2018. **Realities produced in the daily life of a female student hall.** Advisor: Eduardo Simonini Lopes.

The student halls are relational spaces that vitalize the daily life of several university towns, especially the city of Viçosa, State of Minas Gerais, Brazil. Since the creation of the Federal University of Viçosa (School of Agriculture and Veterinary Science of the State of Minas Gerais - ESAV) in the 1920s, there is a movement in the city to host students in a system of shared houses that has become known as 'republics'. This study, therefore, aimed to track and map some productions of realities structured in a female student hall in the city of Viçosa/Minas Gerais, composed of students of the Federal University of Viçosa (UFV) from different regions of Brazil. From the considerations of Guattari, Rolnik (2010), Elias (1992) and Spinoza (2009), I supported in this investigation the idea of the realities are first relational dimensions, being produced in the plural dynamic of meetings and productions of subjectivity. In order to track the realities produced, I supported in the construction of narratives from the moments that emerged of the scenes that affected me when I lived, during the period of a month, in a female republic that supported student parties. In this sense, I carried out a research of cartographic intention, constructing narratives by means of the links that was forming during the daily life of the republic, the stories told by the residents, the moments we spent together and the parties that we participated. For this, I followed the relational networks structured in my interaction and made use of field notebook for record of the narratives. Following the relational connections activated in the daily living-together of the republic, I have supported my hypothesis that both in the republic and in the parties supported/organized by them occur the production of knowledges, of practiced curriculum in these interactions that interfere for the education of these students. Those knowledges appear in the daily structuring of interactions, where questions about sexuality, pleasure, organization of the coexistence, exercise of limits, consideration for the difference that the

presence of the other individual exert in the spaces of sharing..., all this appears as factors that composes existential experiences. The scenes that emerged in the interactions at the republic and at the parties also led us to discussions about morality, ethics, religion, gender constructions, femininity, curricula, friendship, cooperation, difference, among others. However, I did not intend to totalize and/or exhaust the discussions, only indicate possible argumentative paths in the threads of affection that activated me. I believe that many other argumentative trajectories could and still can be done involving other elements that flow from these meetings.

1 - INTRODUÇÃO

Escreve-se sempre para dar a vida,
para liberar a vida aí onde ela está
aprisionada,
para traçar linhas de fuga.
(Deleuze, 1992, p. 176).

Relembrando um pouco minha trajetória para chegar até aqui, recordo-me que iniciei o curso de Pedagogia na Universidade Federal de Viçosa (UFV) em 2010, ano este em que prestei vestibular para três Universidades, sendo que nas duas outras a minha opção era Psicologia. Não consegui, porém, passar neste último curso, conseguindo passar em Pedagogia por ser menos concorrido. Pensei que, por meio deste curso, eu poderia me aproximar de alguma forma da Psicologia, área que muito me atraía.

Os primeiros períodos de Pedagogia, no entanto, não foram interessantes como eu gostaria, ou melhor, eu não conseguia compor significados com as disciplinas que cursava. Eu me sentia como se tivesse caído de paraquedas em um curso que não me fazia sentir que estava no lugar certo.

No início, cumpria as disciplinas da faculdade por obrigação, sem visualizar um futuro nessa área que eu havia “escolhido”. Eu me sentia pressionada por meus pais a continuar o curso mesmo sem vontade, pois eles sempre diziam que depois que eu me formasse, conseguiria um emprego e tudo teria valido a pena. Dessa forma, continuei cursando as disciplinas, mas, no ano de 2013, me envolvi em alguns projetos buscando encontrar algo que despertasse o meu interesse e alegria, que me afetasse positivamente, me potencializasse. Foi quando, em meados de 2013, descobri que existia um grupo de estudos no Departamento de Educação conhecido como “Cotidianos em Devir”. Lembro que no primeiro dia em que fui ao encontro deste grupo, tive contato com as discussões sobre “Produção de Subjetividade (GUATTARI, ROLNIK, 2005)¹”, onde se apresentava que, naquela perspectiva, não existem

¹ Este conceito será trabalhado mais a frente neste trabalho.

verdades que explicam um mundo, o que existem são modos de existir diversos, que produzem realidades. Quando ouvi aquilo, senti que eu finalmente havia encontrado um lugar em que eu poderia compor sentido para minhas inquietações.

Naquela época, mergulhei nos estudos deste grupo, que versavam sobre as teorias nos/dos/com os cotidianos, currículo e produção de subjetividade². Foi quando decidi fazer o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre os cotidianos de Repúblicas Estudantis. Desde que me mudei para Viçosa para cursar Pedagogia, morei em Repúblicas. Elas sempre me chamaram a atenção por serem locais em que os estudantes criavam novos mundos no convívio com pessoas, muitas vezes estranhas, vindas de diferentes partes do Brasil ou exterior. Problematizando a minha vivência, eu percebia que as repúblicas eram espaços formadores para os estudantes, que precisavam criar modos de viver, produzindo regras que facilitassem esse convívio.

Nesse sentido, mais do que apenas uma moradia, as repúblicas estudantis surgiram para mim como um espaço que contribui para a formação dos estudantes que moram nelas, locais em que são produzidos outros currículos que não os oficiais da Universidade. Realizei, portanto, uma pesquisa em uma república estudantil de Viçosa, composta por rapazes, e que tinha a fama de ser organizadora de uma festa popular entre os estudantes na época.

Vale ressaltar que a pesquisa não pretendeu desvendar alguma realidade sobre a vida desses estudantes, mas sim mapear alguns modos de viver que diziam de currículos praticados no convívio, inventados, produzidos. A partir dessa ideia no TCC, decidi dar continuidade a esse tema de pesquisa em um Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), para mais uma vez problematizar os modos de morar e de viver em uma república, dessa vez feminina, com meninas também envolvidas em festas estudantis.

Nos capítulos que se seguem, apresentei um estudo sobre produção de realidade, para expor o que entendo por realidade neste trabalho. Utilizo, portanto, conceitos como “produção de subjetividade”, defendendo que tudo o

² Guattari e Rolnik (2010), Oliveira (2012), Certeau (2002) dentre outros.

que somos depende das produções de subjetividade que estamos inseridos, dos encontros ao longo da vida, e da forma que compomos com cada encontro. Nesse sentido, o trabalho se comprometeu a expor algumas realidades produzidas nos cotidianos de uma república estudantil feminina, realidades que foram se tecendo à medida em que meus encontros com/na república foram acontecendo.

Ressalto que essa pesquisa não se encontra distante de mim, muito menos neutra ou isenta de meus modos de pensar, uma vez que, segundo Lopes (2004, p. 16) “nunca se escreve algo de uma maneira totalmente ‘objetiva’, mas sempre a partir de um modo de enxergar, sentir e produzir uma realidade”.

2 - PRODUZINDO REALIDADES



Figura 1: Tirinha da Mafalda³ (Quino)

Quando Mafalda aborda a palavra “cultura” como algo a ser adquirido durante a sua vida, ela me remete a discursos que sustentam que existe uma cultura legítima que é conquistada em espaços como a escola, as universidades ou os livros. Partindo da minha interpretação, supus que ela acredita que, ao “crescer”, ou seja, ao se tornar adulta, poderá ter assimilado uma “cultura verdadeira”. Mas, afinal, o que é cultura?

Sem querer me aprofundar em um tema complexo, é importante indicar que existem diferentes ideias a respeito do conceito de “cultura”. Como exemplo, Guattari e Rolnik (2005) apresentam que a palavra cultura possui vários sentidos, sendo um deles chamado de “cultura-valor”, “por corresponder a um julgamento de valor que determina quem tem cultura e quem não tem; ou se pertence a meios cultos ou se pertence a meios incultos” (GUATTARI, ROLNIK, 2005, p. 23). Por outro lado, há o que os referidos autores chamam de “cultura-alma coletiva”, em que não existe o “ter ou não ter”, pois, pensando assim, todo mundo tem cultura. “É uma cultura muito democrática: qualquer um pode reivindicar sua identidade cultural” (p. 23), seja no mundo musical, artístico, dentre outros. Por último, falam de uma cultura de massa, ou, como

³ Fonte: <<http://61-62-63.blogspot.com.br/2009/08/escrever-um-comentario-sobre-tirinha-da.html>> Acesso em: 24/08/2017.

eles designam, “cultura-mercadoria”, em que cultura são todos os bens, todas as pessoas, todas as referências teóricas e ideológicas, tudo o que contribui para a produção de objetos semióticos, tais como livros e filmes, que são difundidos à população e produzem os indivíduos em seus modos de agir, de pensar, de desejar.

Para Guattari e Rolnik (2005), a cultura-valor é difundida como sendo a cultura verdadeira, de qualidade, fruto de determinados trabalhos no campo do saber, das artes, dentre outros. Essa cultura acaba buscando se hegemonizar como uma cultura legítima e verdadeira quando, por exemplo, um estilo musical é considerado cultura enquanto outros são desvalorizados; quando uma religião se reconhece como única e verdadeira, desconsiderando outras possíveis e deixando-as na marginalidade; quando uma pessoa conhecedora de artes europeias, por exemplo, é considerada como portadora de mais cultura do que alguém que nunca saiu do próprio país.

Dentro dessa perspectiva de construção de verdades a absolutizarem a vida, Boaventura de Souza Santos acredita que a modernidade teria sido construída por um modo de ser/fazer/pensar sustentado por uma razão indolente, sendo esta “preguiçosa, que se considera única, exclusiva, e que não se exercita o suficiente para poder ver a riqueza inesgotável do mundo” (SANTOS, 2007, p. 25). O autor acredita que existe uma diversidade de conhecimentos sendo produzidos e que estes são ignorados pelos saberes considerados hegemônicos.

Dentre os tipos de racionalidades indolentes, preguiçosas, destacadas pelo autor, ressaltamos a razão metonímica. Metonímia é uma figura de linguagem que “consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido”⁴. Em outras palavras, significa tomar a parte pelo todo, por exemplo, ao dizer que “Gosto de ler Machado de Assis”, quero dizer que gosto de ler livros desse autor, e assim, o nome do autor abarca todos os livros dele. Nesse sentido, a razão metonímica é um tipo de razão indolente que é “um dos dois aspectos do desperdício de experiência: contrai, diminui, subtrai o presente”. (SANTOS, 2007, p. 26). O autor quer dizer que, ao se contrair o presente, outras experiências, conhecimentos e

⁴ Fonte: <<http://www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil3.php>> Acesso em: 30/12/2016.

realidades não legitimadas ficam negligenciadas e/ou ignoradas, e são consideradas irrelevantes. Para Simonini (2010, p. 93):

Tal racionalidade está em cena quando uma religião se considera a Verdade, em detrimento de outras; quando uma cultura se considera o referencial de legitimidade, progresso e evolução moral-intelectual; quando um sistema político-econômico ou um sistema científico se coloca como única possibilidade viável de explicação dos sentidos do universo. Assim, para Santos, a razão metonímica produz uma compreensão parcial e seletiva da realidade, uma vez que se considera como a verdade a partir da qual todas as outras racionalidades são interpretadas, explicadas e desqualificadas em sua legitimidade.

Contra a razão metonímica, Santos (2007) defende uma sociologia que abranja a visibilização de outras racionalidades deslegitimadas pelos saberes hegemônicos, que abra espaço para problematizar outras produções de sentido, a que ele chama de “Sociologia das Ausências”. Nesta ele defende “que muito do que existe em nossa realidade é produzido ativamente como não-existente e, por isso, a armadilha maior para nós é reduzir a realidade ao que existe” (SANTOS, 2007, p. 28). O que pretendo defender neste trabalho, a partir de exemplos como este em torno de conceitos como o de cultura e o de razão metonímica é que, apesar de existirem verdades que tentam se sobrepor a outros modos de existir, não existe um único modo legítimo de viver-saber. Tendemos a produzir nossas realidades e diferentes efeitos de “verdade” a partir do mundo em que estamos inseridos e dos encontros que temos ao longo da vida.

Um poderoso produtor de efeitos de verdades é, por exemplo, a Bíblia Sagrada. A narrativa bíblica sobre a história do mundo possui muitos seguidores, sendo considerada uma espécie de manual que define os modos de viver de muitas pessoas. A Bíblia, contudo, é um livro escrito por muitas mãos, sendo uma obra coletiva que atravessou milênios e gerações. Podemos perceber essa “coletividade” da narrativa bíblica quando acompanhamos mais atentamente o primeiro livro do Antigo Testamento, conhecido como “Gênesis”. Inicialmente lá é apresentado que:

(...) Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher. E Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra; dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra (BÍBLIA SAGRADA – GÊNESIS, 1: 27-28).

Na perspectiva acima indicada, Deus teria criado o homem e a mulher de forma simultânea a fim de habitarem, povoarem e dominarem o mundo. Contudo, neste mesmo livro (Gênesis), a criação do primeiro ser humano é retratada de forma diferente, sendo narrado que homem e mulher não foram criados em um mesmo momento, como indicado na passagem acima, mas houve primeiro a criação do homem, chamado de Adão (sendo assim priorizado o masculino na ordem da Criação) e, a partir de sua costela, Deus criou a mulher, Eva:

Então, Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente. (...) Javé Deus disse: “Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante”. (...) Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!”. (BÍBLIA SAGRADA – GÊNESIS, 2: 7; 2:18; 2: 21-23).

Seguindo estas duas passagens, existe o indicativo de que a Bíblia provavelmente foi uma obra coletiva, uma vez que o surgimento do ser humano foi retratado de formas diferentes dentro de um mesmo livro. Ou seja, duas produções de realidade diferentes acerca de um mesmo tema.

Temos ainda, como relatado no livro de Gênesis, que Adão e Eva foram colocados em um jardim chamado “Éden”, onde viviam livres de quase qualquer regra moral ou temporal. A única regra, porém, imposta por Deus era a de que ambos não podiam consumir o fruto da “Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal”. Contudo:

(...) a mulher viu que a árvore tentava o apetite, era uma delícia para os olhos e desejável para adquirir discernimento. Pegou o fruto e o comeu; depois o deu também ao marido que estava com ela, e também ele comeu. Então, abriram-se os olhos dos dois, e eles perceberam que estavam nus. Entrelaçaram folhas de figueira e fizeram tangas (BÍBLIA SAGRADA – GÊNESIS, 3: 6-7).

Essa desobediência aos desígnios de Deus resultou na expulsão do Paraíso, e, conseqüentemente, o início da vida “mundana” dos seres humanos. Desta maneira, Simonini e Guimarães (2017, p. 95-96) consideram que:

No universo judaico-cristão, nosso mundo e os primeiros seres humanos – Adão e Eva – nasceram de uma intenção criadora de Deus e permaneceram numa condição fora do tempo, chamada de Paraíso ou Jardim do Éden. Todavia, o ser humano, assumindo uma

atitude rebelde frente às ordens do seu Criador, ignorou a advertência divina ao devorar o fruto da Árvore do Conhecimento (que o alimentaria com racionalidade) e foi expulso daquele Paraíso a fim de que não consumisse também o fruto da Árvore da Vida (que lhe garantiria em imortalidade). Foi, pois, a partir do ato de se alimentar da Árvore do Conhecimento que os seres humanos despertaram na razão. Como consequência, tanto destruíram sua condição de paraíso quanto se introduziram no tempo, no instante em que foram expulsos da edílica eternidade que os envolvia. Biblicamente, portanto, o tempo só nasceu a partir do momento em que o humano se vivenciou enquanto um animal tomado em consciência. Foi graças a essa ascensão à condição de animal racional (pois questionador e crítico) que o Éden se tornou insustentável a ele. Consequentemente, essa articulação entre a razão e o tempo acabou por também trazer consigo a marca do pecado, da impureza, do erro e da decadência; o que fez da racionalidade humana uma desobediência limitante, e de sua inscrição temporal uma condenação.

Assim, temos na narrativa bíblica do livro de Gênesis uma concepção de que o ser humano já nasceu pronto, modelado por uma inteligência que lhe era exterior, tendo surgido num mundo pré-definido, criado por Deus, inserido numa dimensão fora do tempo. Contudo, o ser humano acabou perdendo a condição de Paraíso e ganhando sua inserção temporal quando adquiriu racionalidade ao se alimentar da Árvore do Conhecimento.

Ao contrário das narrativas bíblicas, para Elias (1994) a experiência humana se constrói não por um ato criador de um ser fora do tempo – Deus –, mas na convivência cotidiana. Para Elias (1994), a sociedade é definida como um conjunto de indivíduos que partilham determinadas regras, organizando diferentes maneiras de existir, que podem sofrer mudanças com o passar do tempo. Nesse sentido, não existiria uma sociedade apenas, mas sim sociedades construídas na diversidade dos convívios. Portanto, apesar de a Bíblia ser um manual que determina uma maneira de existir no mundo, esta seria não a criação de um Deus externo à sociedade, mas de sujeitos em convívio, enredados em influências políticas, econômicas, morais, religiosas, dentre outras. Isso porque, na perspectiva de Elias (1994), não existe indivíduo independente de uma sociedade. O adulto que cada um se torna durante a vida é uma construção dependente das relações com o meio social; portanto, há pessoas que vivem de diferentes modos de acordo com o lugar que nascem e os consequentes encontros que realizam durante a vida.

À medida que esses indivíduos vivem em sociedade e a constroem nesse (con)viver, aprendem como se portar e como existir nela, uma vez que

regras morais e modos de existir são tramados no convívio sem que muitas vezes sejam conscientemente percebidos. A criança, por exemplo, precisa disso – dessas regras de convívio, da inserção na linguagem e de se tramar em diferentes instituições – para se transformar num adulto individualizado e “civilizado”, pois essa “individualidade do adulto só pode ser entendida em termos das relações que lhe são outorgadas ou pelo destino e apenas em conexão com a estrutura da sociedade em que ele cresce”. (ELIAS, 1994, p. 31). Desta maneira:

(...) por mais certo que seja que toda pessoa é uma entidade completa em si mesma, um indivíduo que se controla e que não poderá ser controlado ou regulado por mais ninguém se ele próprio não o fizer, não menos certo é que toda a estrutura de seu autocontrole, consciente e inconsciente, constitui um produto reticular formado numa interação contínua de relacionamentos com outras pessoas, e que a forma individual do adulto é uma forma específica de cada sociedade (ELIAS, 1994, p 31).

Nesse sentido, as sociedades são compostas na relação de inúmeros indivíduos que vivem sob uma ordem social vigente, ordem esta naturalizada no convívio entre pessoas que se cruzam a todo momento pelas ruas das cidades e que, apesar de nem sempre se conhecerem, orientam-se de acordo com um conjunto de normas partilhadas historicamente. Embora exista uma “liberdade individual” de movimento, há os modos instituídos de existir engendrados na convivência; modos estes que fomentam maneiras de ser e estar que “ensinam” referências de realidade a orientarem como cada um deve se comportar “livremente”, sonhar, desejar, pensar, etc. Cada indivíduo, portanto, faz parte de determinado lugar, de determinado grupo, e suas maneiras de existir não são separadas do processo grupal em que está inserido. Segundo Elias (1994, p. 19):

não há dúvida de que cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele; sem dúvida ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social – seja este qual for. Mas isso não significa nem que o indivíduo seja menos importante que a sociedade, nem que ele seja um “meio” e a sociedade um “fim”. A relação entre a parte e o todo é uma certa forma de relacionamento, nada mais, e como tal, sem dúvida, já é bastante problemática.

Assim, segundo Elias (1994), nossos modos de viver são inventados no convívio, tudo o que somos é construído a partir dos encontros ao longo da vida (ou das produções de subjetividade), seja com pessoas, livros, músicas,

ideias, etc. Por isso, decidi realizar a pesquisa sobre repúblicas estudantis universitárias, por acreditar que morar nessas residências temporárias durante o tempo em que somos estudantes em uma universidade nos ajuda a compor nossas realidades e nossos mundos, interferindo na formação discente.

2.1 - Produção de subjetividade

Pane no sistema, alguém me
 desconfigurou
 Aonde estão meus olhos de robô?
 Eu não sabia, eu não tinha percebido
 Eu sempre achei que era vivo
 Parafuso e fluído em lugar de
 articulação
 Até achava que aqui batia um coração
 Nada é orgânico é tudo programado
 E eu achando que tinha me libertado
 Mas lá vem eles novamente
 Eu sei o que vão fazer
 Reinstalar o sistema
 Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Tenha, more, gaste, viva
 (PITTY, 2003)

Quando ouvi recentemente a música “Admirável chip novo”, da cantora Pitty, entendi que ela utiliza uma metáfora para dizer que nós, em sociedade, somos como robôs programados para agir como “eles⁵” querem, moldando nossas formas de pensar, falar, comprar, votar, enfim, todas as nossas ações aos valores instituídos, naturalizados, compostos em narrativas de “verdade”. Nesse mesmo contexto, Guattari e Rolnik (2005) denominam de “processos de subjetivação”, às dinâmicas que fomentam modos de sentir, de fazer e de

⁵ Me refiro às práticas hegemônicas sociais instituídas.

pensar, as quais produzem diferentes expressões no existir. Dessa forma, tudo que atravessa o indivíduo durante a sua vida, seja pela família, meio social, escola, religião e linguagem, contribui para o engendramento de um modo de estar em um mundo e de produzir mundos; enfim, contribui para uma produção de subjetividade.

Para Guattari e Rolnik (2005), os processos de subjetivação estão em circulação nas mais diferentes relações, acontecendo em todos os modos de organização da vida social, o que faz com que:

(...) estejam intrinsecamente comprometidos na construção de diferentes dispositivos e suas conseqüentes racionalidades que “definem” o que enxergar e como enxergar, instituindo saberes a serem considerados legítimos ou desacreditando outros que não façam ressonância aos modos hegemônicos de produção da subjetividade (LOPES, 2011, p. 27).

Nesta perspectiva, existem sistemas de significação dominantes de realidade que instituem maneiras de perceber, sentir, pensar e sonhar a vida. Algumas grandes narrativas (como a Bíblia Sagrada, por exemplo) se tornam socialmente mais legítimas que outras e resultam na criação de leis e dogmas produtores de verdades e regras de condutas que organizam códigos “corretos” de viver em sociedade. Tais modos hegemônicos de produção do viver nos fecundam na escola, nas mídias, nos códigos familiares, jurídicos, estéticos, etc., configurando toda uma produção de subjetividade dominante que são “sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 35).

Um outro exemplo de produtor de subjetividade dominante é o Capitalismo, com sua maquinaria simbólica de fabricação de sujeitos consumidores em potencial. O sistema do capital atua produzindo subjetividade no inventar mundos em que as pessoas sentem necessidade de consumir não apenas objetos, mas toda uma complexidade de valores simbólicos atrelados a tais objetos, criando, assim, uma espécie de ânsia em escala coletiva. Os meios de comunicação, em composição com lógicas que nutrem o Capitalismo, também têm um papel fundamental nos processos de subjetivação hegemônicos da sociedade contemporânea, visto que fazem parte cotidianamente da vida das pessoas, sobretudo das crianças, que compõem

sentido nas relações com imagens, palavras e valores (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Dessa forma:

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes (...) ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é “a” ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria ideia de vida social organizada (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 51).

O indivíduo, nesse sentido, existe como um “terminal” (no sentido de um terminal de computador, que acessa a internet em sua multiplicidade), que se encontra na posição de consumidor de subjetividade. “Ele consome sistemas de representação, de sensibilidade, etc., os quais não tem nada a ver com categorias naturais universais”. (GUATTARI, ROLNIK, 2005, p. 41).

Além das produções de subjetividade de caráter hegemônico, existem também as de cunho marginal que estão em circulação em diversos meios sociais e produzem maneiras de produzir realidades que não se submetem plenamente às marcações hegemônicas. Assim, se a produção de subjetividade envolve uma circulação de intensidades que modelam a vida, esta não se reduz aos códigos hegemônicos, podendo também a existência ser inventada e reinventada, dando movimento a diferentes construções sociais, políticas, estéticas, inconscientes, etc. Então, ao mesmo tempo em que os indivíduos incorporam os processos de subjetivação hegemônicos, eles podem criar uma “relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo chamado de singularização”. (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 42).

Ao passo em que nos compomos com a subjetividade dominante de uma época, apropriamo-nos de instrumentos de expressão que nos oferecem uma sensação de identidade grupal, de um “eu” individual. No entanto, por meio desses próprios instrumentos socialmente compartilhados, temos a chance de nos compor em novos processos de subjetivação, ou melhor, os processos de singularização. Estes se estabelecem em brechas, frestas onde há pequenos desvios do padrão estabelecido pela subjetividade dominante. Assim, uma produção de subjetividade é também atravessada por processos de singularização, sendo que um não acontece sem o outro. Mesmo em

lugares em que aparentemente não existe uma explícita quebra de regras ou de valores, há instantes de criação e ou invenção de universos singulares. Nos processos de singularização, portanto, há o desvio de determinada ordem estabelecida, que inaugura outras maneiras de ser, outras sensibilidades, e, conseqüentemente, outras produções de subjetividade.

Desta maneira, toda a dinâmica de produção de subjetividades não nos remete a um universo estanque, mas sim a mundos em movimento, em encontros que dão lugar a novos agenciamentos e redes relacionais que montam a experiência do existir cotidiano. E é no cotidiano do convívio que acontece tanto a construção dos modos hegemônicos de subjetivação, como também dos vários processos de singularização. Nesse sentido, os indivíduos se configuram a partir dos processos de subjetivação que eles apropriaram ao longo da vida, dos encontros, da família, do meio em que vivem, escola, bairro, religião, ou seja, todo um meio social, político, estético e cognitivo que influencia na forma como cada um compõe seu mundo.

Esses processos contribuem para a construção de territórios existenciais, quando, por exemplo, valores familiares ou sociais atravessam gerações e produzem verdades que oferecem a segurança de uma constância, de uma repetição, de uma estabilidade a um indivíduo ou grupo. Essas repetições tendem a se manter e a territorializar verdades temporárias. Contudo, o conceito de território abordado aqui é mais complexo que um mero espaço geográfico.

A noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é um conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI, ROLNIK, 2005, p. 388).

Nesse sentido, os territórios são construídos a partir de movimentos que dizem de um ritmo; de uma frequência que sustenta provisórias consistências. Essas repetições são chamadas por Deleuze e Guattari (1997) de ritornelos. Eles capturaram a concepção de ritornelo do universo musical e o

transformaram em um conceito filosófico. Ritornelo, “em seu aspecto estritamente melódico, significa um estribilho ou um prelúdio que se repete no decorrer de uma composição, sendo, portanto, um conceito que se refere ao retorno de um tema, a um refrão.” (LOPES, 2011, p. 105). Nesse sentido, os autores utilizaram essa ideia para explicar que os territórios são formados pela repetição de componentes que produzem um território existencial, e dão uma sensação de estabilidade.

Todos os indivíduos, portanto, constroem territórios existenciais durante a vida, sendo que estes lhes oferecem a segurança e a sustentabilidade de um mundo. No entanto, de repente algo seguro pode se intensificar diante à alguma novidade que abale dinâmicas constantes, produzindo o chamado processo de desterritorialização, quando novos agenciamentos (des)montam outras produções de realidade. Nesse sentido, há também uma reterritorialização de intensidades desorganizadas, quando os indivíduos compõem a montagem de um novo território existencial frente às novas dinâmicas encontradas. Esses movimentos constituem, também, o ritornelo “enquanto dinâmica processual na qual composição e decomposição, ordem e desordem, territorialização e desterritorialização não aparecem como pares de opostos, mas como movimentos interconstituintes” (LOPES, 2011, p. 105-106)

Deleuze e Guattari (1997) descrevem três movimentos que ilustram os processos de territorialização e desterritorialização em um ritornelo:

I - Uma criança no escuro, tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando. Ela canta, ela para, ao sabor de sua canção. Perdida, ela se abriga como pode, ou se orienta, bem ou mal, com sua cançãozinha. Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos. (...) II - Agora, ao contrário, estamos em casa. Mas o em-casa não preexiste: foi preciso traçar um círculo em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado. Muitos componentes bem diversos intervêm, referências e marcas de toda espécie. Isso já era verdade no caso precedente. Mas agora são componentes para a organização de um espaço, e não mais para a determinação momentânea de um centro. Eis que as forças do caos são mantidas no exterior tanto quanto possível, e o espaço interior protege as forças germinativas de uma tarefa a ser cumprida, de uma obra a ser feita. (...) Um erro de velocidade, de ritmo ou de harmonia seria catastrófico, pois destruiria o criador e a criação, trazendo de volta as forças do caos. III – Agora, enfim, entreabrimos o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou então nós mesmos vamos para fora, nos lançamos. (...) Arriscamos uma improvisação (...). Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar “linhas de errância”, com volteios, nós, velocidades,

movimentos, gestos e sonoridades diferentes (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.116-117).

Os autores indicam um movimento de construção de um novo território a partir desses três movimentos simultâneos que os compõem: a tentativa de sair de um caos (quando a criança inventa modos de se tranquilizar diante de algo que a causa medo); o em-casa, que se refere a um ambiente que traz segurança ao indivíduo; e a abertura ao novo, às experimentações, quando o indivíduo se lança a alguma novidade desestabilizadora.

Esse movimento de (des) territorialização pode acontecer em diversos momentos da vida. Quando, por exemplo, deixamos um emprego que nos é seguro e estável para encarar um outro; quando saímos de nossa cidade e nos mudamos para uma nova; quando decidimos seguir outra religião, enfim, qualquer movimento que inaugure uma novidade promove esse processo. Nessa perspectiva, este trabalho se organiza no sentido de problematizar uma república estudantil e as vivências que se desenrolam em seus cotidianos, seguindo os ritornelos que se estabilizam na composição de diferentes territórios existenciais dentro de uma mesma república e também as singularidades que emergem nas tramas nas quais a república pesquisada se envolve.

Seguir um território, um ritornelo, é igualmente seguir um caminho que constitui o “chão” onde a república se situa e se organiza. Enquanto uma experiência que estabelece um processo de subjetivação e, conseqüentemente, modos de ver e viver, um território existencial igualmente organiza uma vida cotidiana. Assim, neste trabalho, optei por seguir as pistas dos mundos a enunciarem diferentes currículos compostos por moradores de uma república estudantil.

2.2 – Currículo como invenção

A teoria sobre o currículo oficial e hegemônico parte do pressuposto de que existem conhecimentos verdadeiros e legítimos e, a partir disso, se criam currículos para que estes conhecimentos/conteúdos sejam “ensinados” às pessoas nas escolas, universidades, dentre outras instituições. Nesse sentido,

o currículo teria o objetivo de modificar alguma coisa ou alguém, a partir de leis gerais e universais. Contra essa perspectiva, a teorização pós-estruturalista sobre o currículo problematiza a concepção da verdade e da validação de conhecimento, por meio de uma discussão que rompe com a ideia da busca por verdades e essências. Segundo Corazza e Tadeu, 2003, p. 39:

Enquanto para as abordagens tradicionais, a questão dos valores e dos critérios se apoia em alguma espécie de fundamento primeiro ou transcendental, para a perspectiva pós-estruturalista, a questão é saber de quem são os valores, para quem e para que servem. No primeiro caso, busca-se fundamento último para os valores; no segundo, faz-se, nietzscheamente, uma pergunta genealógica sobre as forças por trás do processo valorativo.

A perspectiva pós-estruturalista, portanto, rompe com noções transcendentais e “verdadeiras”, pois defende que não existem verdades (conhecimentos) prontos para serem descobertos, uma vez que tudo o que existe foi inventado, construído nas relações entre as pessoas, em determinados contextos históricos e sociais.

Toda a verdade e todo conhecimento não passam de ficções. Fazer ficções não é algo que fazemos nas horas de folga em que não estamos descobrindo a verdade. É a nossa única atividade. E depois não se trata de uma atividade desprezível, nem as ficções são um produto inútil. As ficções são a nossa vida. (...) elas são a nossa verdade. (CORAZZA E TADEU, 2003, p. 40 – 41).

Nesse sentido, os conhecimentos que organizam um currículo não passam de invenções criadas para organizar a vida das pessoas, para que elas aprendam os modos considerados corretos de viver, os conhecimentos considerados científicos e validados. Como já foi trazido por Boaventura de Souza Santos neste trabalho, isso pode fazer com que inúmeros outros conhecimentos produzidos em meios não científicos sejam marginalizados e não considerados conhecimentos.

Dentre as questões que Nietzsche (trazidas por Corazza e Tadeu, 2003) aborda sobre o currículo, uma delas diz respeito a moral, ou seja, as regras que conduzem o comportamento humano. A moral como a conhecemos é universal, isto é, seus critérios valem para todos, e desde muito cedo aprendemos como se portar na sociedade dentro de regras morais que nos são impostas sem ao menos percebermos. Temos a impressão de que os valores são transcendentais, inquestionáveis. Nietzsche rompe com essa ideia de transcendência para discutir a moral como inventada, fabricada, ficcionada. Ele

argumenta sobre esses valores, sobre quem os inventou e para quem. “Em que circunstâncias criou-se determinado valor? Que forças estiveram em luta na sua criação e imposição?” (CORAZZA, TADEU, 2003, p. 45).

Ao refutar esses valores, os autores, inspirados em Nietzsche, apresentam a proposta de uma genealogia que crie e recrie valores, e os adapte se necessário, a partir de indagações sobre como, para quem e em que contexto esses valores foram criados. O mesmo se dá com os conhecimentos considerados importantes para se tornarem parte dos currículos educacionais, por exemplo. Quem os define? Quem os inventou? Ao contrário da ideia de que esses currículos são os únicos possíveis, para Corazza e Tadeu (2003, p. 50), “ver o currículo como perspectivístico significa ver o conhecimento que está no seu centro não como a representação de algo que está para além dele, mas como uma versão ou uma interpretação particular entre as muitas que poderiam igualmente ser forjadas ou fabricadas”.

Segundo Corazza e Tadeu (2003, p. 56):

A leitura de Nietzsche nos permite abrir uma brecha, introduzir a cunha da diferença, nesse campo fechado dos absolutos, dos universais e dos intemporais. Sua leitura nos mostra que há uma outra maneira de conceber uma teoria do currículo, uma maneira que nos transporte para além das habituais categorias da metafísica.

Ver o currículo por um ângulo perspectivista como proposto pelos autores, faz com que outros conhecimentos que não os científicos, oficiais e/ou curriculares, sejam validados e legitimados. Indo ao encontro dessa perspectiva, alguns autores apresentam uma noção de cotidiano como local produtor de outros conhecimentos.

Para este trabalho, me aproximarei das considerações de Oliveira (2012, p. 51) para quem o cotidiano é entendido como:

Espaçotempo rico de criações, reinvenções e ações, recusando a noção hegemônica segundo a qual o cotidiano é espaçotempo de repetição e mesmice (...) acreditamos que cotidianamente são criados conhecimentos relevantes, não só para a vida cotidiana, mas também para o desenvolvimento de novas práticas sociais de conhecimento.

Certeau (2002) chama os atores do cotidiano de praticantes e fabricantes do cotidiano, pois estes o inventam e o reinventam em suas formas de agir, nas maneiras de fazer e até mesmo em atividades aparentemente sem relevância, como cozinhar, fazer compras, dentre outras.

Os praticantes, por sua vez, não sofrem o cotidiano passivamente; eles o praticam e o fabricam no dia a dia de ações minúsculas e invisibilizadas. Desse modo, Certeau (2002) defende que os indivíduos não são passivos às regras sociais hegemônicas impostas, uma vez que eles inventam astúcias e maneiras de fazer que extrapolam o planejado.

Temos, como exemplo, as escolas e/ou universidades, com seus currículos oficiais prescritos que instituem normas, regimentos e regras sobre quais conteúdos devem ser ensinados, como os alunos, professores e funcionários devem se comportar, dentre outras. No entanto, apesar de todas as imposições, os praticantes dos cotidianos universitários sempre inventam outros modos de fazer que os tornam singulares, seja pelas formas criativas pelas quais os professores promovem o aprendizado ou pelas maneiras de ser dos alunos que transbordam nas salas de aula e influenciam a forma como vão compor com os conteúdos. Essas singularidades criam outros currículos, chamados currículos pensadospraticados (ou somente currículos praticados). (OLIVEIRA, 2012). Estes são criados nos “diálogos e enredamentos entre conhecimentos formais – advindos das diferentes teorias com as quais entraram em contato em diversos momentos e circunstâncias de suas vidas – e outros conhecimentos” (OLIVEIRA, 2012, p.47).

Os currículos praticados, portanto, se referem as práticas curriculares reais, “entendendo-as como complexas e relacionadas a fazeres e saberes que nem sempre, ou mesmo raramente, constituem um todo coerente e organizado como aquele que, supostamente, informa as propostas curriculares oficiais”. (OLIVEIRA, 2003, p. 1). Isso quer dizer que, apesar de existirem propostas curriculares oficiais passadas a escolas e universidades, ainda assim outros saberes são praticados que escapam ao currículo oficial. Além disso, o modo como cada professor e estudante pratica esse currículo “imposto” varia de acordo com suas redes relacionais, políticas e existenciais.

Nessa perspectiva, o aprendizado acontece não só quando se obedece ao estabelecido, ele não vem apenas do que está presente no currículo formal, das disciplinas a serem oferecidas para os estudantes. Tudo que os praticantes da escola e universidade vivenciam, experienciam e criam (dentro e fora da instituição) contribui para a sua formação. É importante também considerar que cada praticante carrega para a instituição um conjunto de modos de viver que

vai transbordar naquele ambiente, afetando muitas vezes outras pessoas e influenciando determinadas ações.

É nesse sentido que problematizei as repúblicas estudantis como cotidianos de produção de outros conhecimentos e currículos, uma vez que:

(...) os processos de aprendizagem não se dão por mera transmissão de uma instância “superior” (determinações históricas, políticas, econômicas, institucionais) para uma “inferior” (indivíduos e grupos em seu viver cotidiano). Aprende-se a ser humano não pelo somatório de informações ou a mera acumulação de fatos, mas pelo mergulho em relacionamentos que promovem contágios entre as diferentes dimensões de existência. (SIMONINI, 2010, p. 90).

Esta pesquisa, portanto, foi realizada nos cotidianos de uma república feminina de estudantes na cidade de Viçosa, Minas Gerais, por acreditar que nesses espaços acontecem relações e ações entre as pessoas que contribuem para a emergência de diferentes processos de aprendizagem, diferentes currículos praticados e, conseqüentemente, diferentes produções de subjetividade. Nesse sentido, considero que as repúblicas estudantis também são espaços cotidianos produtores de currículos praticados, produzindo outros conhecimentos não legitimados pela universidade, mas que fazem parte da vida dos estudantes da UFV.

Contudo, antes de adentrar a este tema, apresento a seguir a Universidade Federal de Viçosa e alguns indícios históricos de sua interferência nos modos de morar dos discentes que nela estudaram em diferentes épocas. Além disso, apresento, também, um breve relato sobre a história das primeiras repúblicas estudantis em Portugal e no Brasil.

3 – MODOS DE MORAR EM UMA UNIVERSIDADE E EM SEUS ARREDORES

A Universidade Federal de Viçosa⁶ (UFV) é muito procurada por estudantes de diversas partes do Brasil, sendo uma referência internacional na área de Ciências Agrárias. O campus da UFV/sede Viçosa é extenso, situado em uma área arborizada com uma lagoa artificial próxima a uma das entradas do campus.

A UFV, no entanto, passou por muitos caminhos até ser federalizada e se tornar uma instituição internacionalmente renomada. Ela foi criada em 30 de março de 1922, pelo Decreto Estadual 6053, quando surgiu como “Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais – ESAV”. Teve como seu idealizador o então presidente do Brasil e cidadão viçosense, Arthur da Silva Bernardes. No discurso que Bernardes fez na inauguração daquela instituição, ocorrida no dia 28 de agosto de 1926 na cidade de Viçosa, ele anunciou que a proposta da ESAV era a de promover e difundir pelo país o conhecimento científico nas práticas agrícolas, considerando que as crenças populares e o empirismo ingênuo dos trabalhadores rurais não correspondiam aos saberes legitimados da ciência da época. De acordo com Lopes (2011, p. 51):

A instituição agrária de ensino superior sonhada por Bernardes deveria ter, além de uma vertente acadêmica, um aspecto igualmente prático e experimental que se dispusesse ao progresso e ao crescimento, orientado numa proposta de fomento tecnológico que propiciasse competitividade à produção agrícola mineira.

Para realizar tal intento, Arthur Bernardes fez contato com o consulado do Brasil em Washington/EUA e convidou Peter Henry Rolfs – diretor do Colégio de Agricultura da Flórida – para montar em solo brasileiro uma escola nos moldes arquitetônicos e filosóficos dos Land Grant Colleges norte-americanos, os quais desenvolviam uma postura educativa baseada em três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Assim, nas mãos de Rolfs, a ESAV constituiu-se em modos de ensinar, criando um ritmo de trabalhar, pensar e fazer. Segundo Lopes (2011, p. 52):

⁶ Que abrange três campi: Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba.

o pragmatismo norte-americano embalou os primórdios da ESAV, orientando uma postura de ensino-aprendizagem dentro da qual o estudante deveria ser instruído prioritariamente na vivência prática dos problemas da agricultura e no cultivo de soluções cientificamente embasadas para esses mesmos problemas. Por sua vez, o discente, no momento de admissão na Escola, era considerado como sendo um sujeito ignorante pelo fato de não possuir uma percepção científica da realidade. A fim, então, de adentrar no templo da verdade científica, o estudante era convidado a colocar de lado seus conhecimentos advindos do cotidiano de suas experiências rurais e familiares – conhecimentos estes entendidos como credices infantis e tolas – para vir a se interessar pelo que realmente era considerado legítimo: o encontro com a perspectiva de progresso social e econômico sustentada em conhecimentos e práticas cujos fundamentos residiam na racionalidade científica.

A ESAV recebia jovens, em sua maioria filhos de produtores rurais da região, que eram apresentados a um modo de viver e pensar institucional que recebeu o nome de “Espírito Esaviano”. Esse lema foi cunhado na década de 1930 pelo então diretor da ESAV, o engenheiro João Carlos Bello Lisbôa, que sucedeu Rolfs na condução da Escola. Lisbôa pregava um severo disciplinamento da postura dos estudantes, que deveriam almejar uma vida dedicada à Escola e à Pátria, na busca de valores de progresso, cooperação e honestidade. É interessante ressaltar que o Espírito Esaviano era um modo de ser estudante na ESAV, em que o aluno deveria viver como numa irmandade, cultivando o companheirismo, a honestidade, a dedicação para com a instituição e para com o progresso científico da agricultura. Os discentes eram monitorados dentro e fora da instituição e suas condutas aconteciam sob a vigilância do diretor.

Além de interferir nos modos de viver nas salas de aula, o Espírito Esaviano estendia sua influência a todos os aspectos da experiência institucional dos estudantes, inclusive em suas moradias. Vale ressaltar que a ESAV foi pioneira no Brasil na construção de um internato para abrigar discentes de nível superior dentro de um campus. Assim, o Edifício Bello Lisbôa (ou Alojamento Velho, como passou a ser conhecido nos anos posteriores) foi a primeira moradia estudantil daquela instituição, tendo sido inaugurado em 1928. Os moradores do internato deveriam seguir as regras instituídas de “bom comportamento” e não cometerem delitos que eram proibidos, como por exemplo, aceitar a presença de pessoas que não eram moradores (mulheres, principalmente, eram proibidas nos dormitórios), banho coletivo, roubos, uso abusivo de álcool, má conduta discente, como cola nas

provas, dentre outras. Qualquer atitude inadequada poderia levar o aluno a ser expulso não só do internato, como também da ESAV.

No internato, dispõem os alunos de confortáveis acomodações, em apartamentos, com cinco alunos, no máximo, em cada um; os alunos externos (externato) são sujeitos à vigilância da Diretoria do Estabelecimento e só poderão residir em casas de família ou em hotéis e pensões que ofereçam completas garantias, quanto à higiene e moralidade. A residência nas chamadas repúblicas não é permitida; O semi-internato foi organizado para os alunos que, tendo conveniência em pernoitar fora do Estabelecimento, desejem, contudo, aplicar todo o dia aos trabalhos escolares. (...) quanto a residência, são também os semi-internos sujeitos a vigilância da Diretoria da Escola, que poderá exigir que a mudança (de residência) de qualquer aluno, por motivo de moralidade ou higiene. (BORGES; SABIONI, 2010, p. 128).

Nesse sentido, é indicado que a vigilância (ou tentativa dela) acontecia não só no internato quanto também nas moradias dos discentes fora do espaço da instituição. Os alunos que moravam fora dos domínios geográficos da universidade só podiam residir em hotéis ou pensões que se enquadrassem aos padrões exigidos pela ESAV, e o Estatuto deixava claro a proibição do estabelecimento de repúblicas. Acredito que essa proibição é indicativa de que o conceito de república estudantil já tinha um sentido pejorativo naquela época, carregando potencialmente uma significação de bagunça.

No ano de 1949, a Escola Superior de Agricultura passou a se chamar Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), tendo seu número de cursos ampliado e, conseqüentemente, passando a receber cada vez mais estudantes. Por sua vez, à medida que crescia o número de discentes, a necessidade da criação de novos alojamentos aparecia. Então, em 1963 foi inaugurado o Alojamento Feminino, que acomodava 232 moradoras.

Em 1969, a UREMG foi federalizada e se tornou Universidade Federal de Viçosa, havendo ainda mais um aumento do número de cursos de graduação, sedimentação dos cursos de pós-graduação e, conseqüentemente, aumento de estudantes. Isso exigiu a construção de novas moradias, sendo que na década de 1970 foram inaugurados os alojamentos “Novo” (feminino) e “Novíssimo (masculino) com capacidade para alojar 184 e 192 moradores, respectivamente. Foram também construídas, na década de 1980, moradias direcionadas para pós-graduandos e seus familiares. Estas últimas, porém, passaram a acomodar os discentes de graduação da UFV, sendo chamadas de

alojamentos “Pós” e “Posinho”, a abrigarem cerca de 360 e 180 discentes respectivamente.

Contudo, com a quantidade de estudantes que chegavam, a universidade não conseguia acolher todos dentro do campus e muito menos praticar a vigilância que antes fazia nos tempos da ESAV, ou mesmo da UREMG. Assim, durante o século XX e início do século XXI, as repúblicas estudantis se multiplicaram na cidade de Viçosa, sendo que estas não eram reguladas pela UFV.

3.1 - Repúblicas Estudantis

A palavra “República” vem do latim *res publica* e pode ser traduzida como “assunto público”. República é uma palavra que descreve uma forma de governo em que o Chefe do Estado é eleito pelos representantes dos cidadãos ou pelos próprios cidadãos, e exerce a sua função durante um tempo limitado.⁷ Nesse sentido, a palavra República está comumente associada à figura de um Chefe de Estado e na divisão de poderes. Entretanto, essa palavra é utilizada também em outros contextos como o que pretendo destacar aqui, onde nomeia alguns tipos de moradias de estudantes, as quais são autogeridas pelos discentes. Segundo Malta (2010, p. 48):

Os critérios de organização de uma república orientam-se pela centralização de leis e regras comuns. A formação das repúblicas estudantis pode ser considerada uma tática encontrada pelos estudantes para a permanência nas universidades, principalmente para aqueles que moram fora de suas cidades e conseqüentemente longe da família. Assim, a história das repúblicas estudantis brasileiras, mesmo que pouco conhecida, está articulada à história das próprias universidades. É neste sentido que as repúblicas estudantis compreendem a formação de um espaço democrático (...).

A história das repúblicas estudantis ainda é pouco explorada, mas, pelo referencial pesquisado, elas surgiram juntamente com as universidades (ou escolas superiores europeias), uma vez que muitos estudantes precisavam morar nas cidades onde aquelas eram instaladas. As primeiras moradias estudantis que se têm relatos surgiram na Universidade de Coimbra (UC), em Portugal, no século XIV. Segundo Ribeiro (s/d), D. Dinis, Rei de Portugal,

⁷ Fonte: <<https://www.significados.com.br/república/>> Acesso em: 10/12/2016.

preocupado com o bem-estar dos estudantes da UC, promoveu, no ano de 1309, a construção de casas destinadas aos mesmos. De acordo com as informações sobre a história da instituição, os governantes da época já percebiam a necessidade de acolherem bem os estudantes que vinham de outras cidades para ajudá-los a se sentirem à vontade e, conseqüentemente, se saírem bem nos estudos.

Já por volta de 1537, D. João III, também rei de Portugal, assumiu a UC e incentivou ainda mais a construção de moradias estudantis, erguendo várias edificações e instituindo as primeiras “Repúblicas”, ou seja, “comunidades de estudantes que partilham a mesma casa, fruindo de igualdade de condições e comungando, eventualmente, de uma mesma refeição” (RIBEIRO, s/d). O nome “República” foi usado provavelmente pelo fato de essas “comunidades de estudantes” se constituírem em uma forma de governo sustentado na partilha de autoridade e na definição coletiva das ações (RIBEIRO, s/d).

Não existe uma única teoria sobre a origem do termo “república estudantil” no Brasil. Segundo Malta (2010) uma primeira teoria se sustenta no fato de as moradias se considerarem soberanas e autônomas em relação à universidade, gozando de autogestão administrativa. Uma segunda se refere ao fim da Monarquia no Brasil e à implantação do Regime Republicano, em 1889. O autor afirma que os estudantes, naquela época, manifestaram-se contra a visita dos representantes do gabinete parlamentar do Império, rejeitando a Monarquia e fazendo cartazes com a palavra “República” nas fachadas das casas dos estudantes. A terceira e última hipótese é que o nome foi inspirado nas moradias estudantis da cidade de Coimbra, em Portugal, e cuja tradição foi trazida ao Brasil por estudantes brasileiros que transitavam por Portugal.

No Brasil, as moradias de estudantes mais antigas surgiram na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, entre as décadas de 1920 e 1930, por conta do surgimento da Escola de Minas, no ano de 1876. Esta foi a primeira instituição brasileira dedicada ao ensino de mineração, metalurgia e geologia⁸. Com o passar do tempo e o crescimento da Escola – que veio a se tornar Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) oferecendo diferentes cursos e

⁸ Disponível em: <<http://www.ufop.br/historia-da-ufop>> Acesso em: 05/01/2017.

recebendo estudantes de várias partes do país – houve a necessidade de moradias que abrigassem um maior número de pessoas.

Segundo Machado (2003), em março de 1823, Ouro Preto foi elevada à capital da Província de Minas Gerais, contudo, em 1897 a capital de Minas Gerais passou para Belo Horizonte. Como consequência, houve um esvaziamento populacional da cidade, o que fez com que os proprietários das casas as cedessem para os estudantes (que já constavam em bom número na região, desde a abertura da Escola de Minas em 1876), formando diversas repúblicas estudantis.



Figura 2: Foto externa da República Pureza, uma das primeiras repúblicas de Ouro Preto, Minas Gerais, fundada em 1939. Fonte: Página da República no Facebook.

Em 1929 foi reportada o surgimento de uma casa para estudantes na cidade do Rio de Janeiro. Costa e Oliveira (s/d) relatam que um casal (Ana Amélia Queirós Carneiro de Mendonça e Marcos Carneiro de Mendonça) morador da cidade, teve a iniciativa de fundar a Casa do Estudante do Brasil. Era uma moradia localizada no Solar dos Abacaxis, no bairro do Cosme Velho e servia como moradia para os estudantes que iam para o Rio de Janeiro e não tinham onde residir. Nesta moradia estudantil, segundo Costa e Oliveira (s/d), foi realizado o I Congresso Nacional dos Estudantes, que acabou fundando a União Nacional dos Estudantes (UNE).

A partir da criação desta moradia e das de Ouro Preto, outros estudantes de diferentes universidades espalhadas pelo Brasil (Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Pernambuco) foram compondo moradias estudantis nas cidades que abrigavam as universidades. Hoje, é possível que em praticamente todas as cidades brasileiras que abriguem universidades existam repúblicas a acolherem estudantes de diferentes lugares, na necessidade destes de dividirem as despesas como aluguel, água, luz, internet, entre outros. O que não é diferente na cidade de Viçosa, foco da minha pesquisa, onde existem inúmeros desses arranjos estudantis montados em apartamentos, casas e sítios. E não foi diferente comigo quando, no ano de 2010, me mudei para Viçosa para estudar Pedagogia.

4 – TRAJETÓRIAS QUE ME LEVARAM A ESSA PESQUISA

Durante os primeiros poucos dias naquele lugar estranho, não me teria sentido pior se tivesse perdido braços e pernas em lugar de casa e família. Não tinha dúvida de que a vida jamais seria a mesma. Só conseguia pensar em minha própria confusão e infelicidade; dia após dia imaginava quando veria Satsu outra vez. Eu estava sem pai, sem mãe – até sem a roupa que sempre usara. Mas de alguma forma, a coisa que mais me espantara, depois de uma semana ou duas, foi que na verdade eu tinha sobrevivido. Lembro-me de um momento em que secava tigelas de arroz na cozinha, e de repente me senti tão desorientada que tive de interromper o que fazia e fitar minhas mãos por longo tempo; pois quase não podia acreditar que aquela pessoa secando tigelas era realmente eu. (GOLDEN, 2006, p. 50)

Cheguei a Viçosa/MG no ano de 2010 vinda de uma cidade vizinha, Ubá (esta com aproximadamente 100 mil habitantes e onde morava com meus pais e com uma irmã mais nova, que ainda estava no Ensino Médio). Quando recebi a notícia da aprovação em Pedagogia no vestibular da Universidade Federal de Viçosa, fiquei feliz e assustada ao mesmo tempo diante das mudanças que me aguardavam. Apesar de, na época, ter um sonho de estudar em uma universidade federal, eu nunca havia morado em uma casa sem os meus pais, e isso era algo ao mesmo tempo estimulante e angustiante. Mudar de uma cidade para outra totalmente nova (mesmo que distante apenas 65 quilômetros) era uma novidade e um desafio que eu estava disposta a enfrentar.

Naquela época, uma amiga e vizinha também foi aprovada no vestibular de Ciências Biológicas na mesma universidade e decidimos, com a aprovação e ajuda de nossas mães, por procurar um apartamento para alugar e morarmos

juntas. Isso veio como um grande alívio para mim, pois morar com essa menina conhecida já era um território seguro diante toda aquela novidade.

Eu, minha vizinha e sua mãe fomos, então, para Viçosa um mês antes do início das aulas à procura de um apartamento em uma localização que fosse próxima à universidade e com um preço acessível. Considerando que a cidade de Viçosa é de porte médio, composta por um grande número de estudantes que chegam todos os anos de diferentes cidades, existem muitos apartamentos no centro (aos arredores da UFV) construídos com a intenção de abrigar esses estudantes.

A especulação imobiliária é grande uma vez que há muita procura e, quanto mais perto da UFV, mais alto é o valor do aluguel. Por isso, alugamos um apartamento um pouco mais distante, porém, próximo o suficiente para irmos caminhando para as aulas. Como o apartamento que alugamos tinha três quartos, chamamos outra menina conhecida de Ubá para dividi-lo conosco.

Éramos, portanto, três meninas de 18/20 anos morando em um apartamento na cidade de Viçosa, onde tudo era novidade. Já na primeira semana de aula, fomos recebidas pelos veteranos⁹ de nossos respectivos cursos (Pedagogia, Ciências Biológicas e Secretariado Executivo Trilíngue) que fizeram o famoso “trote” aos calouros¹⁰. Naquele momento, conheci muitas pessoas que me fizeram sentir mais segurança por meio da receptividade, além da que já sentia com as colegas da minha cidade.

Fomos convidadas, então, para participar das “calouradas” que aconteceriam naquela semana também. Estas são festas organizadas pelos estudantes veteranos para a recepção dos calouros. Alguns alunos de diversos cursos de graduação se juntavam e faziam uma festa, integrando não só pessoas de um mesmo curso, como de outros também. Como exemplo, no ano de 2017 houve uma calourada conhecida como “Toma lá, dá cá”, organizada pelos cursos de Direito, Engenharia de Produção, Nutrição e Administração. A organização, porém, é rotativa, sendo que os cursos podem variar a cada ano na mesma festa.

Seguindo por essa dinâmica de festas, eu e minhas colegas de república frequentamos alguns desses eventos estudantis e conhecemos muitas pessoas

⁹ Estudantes que já moram e estudam a mais tempo na universidade.

¹⁰ Estudantes recém-chegados.

e várias repúblicas que carregavam nomes diversos, o que nos inspirou a dar um nome para a nossa. Batizamos, portanto, a nossa república de “Maucas”, abreviatura de mau-caráter, apelido carinhosamente criado por nossos novos amigos universitários depois de uma ocasião em que fizemos alguma piada de mau gosto sobre uma situação e fomos chamadas de mau-caráter.

No início do período letivo, íamos em todas as festas juntas. Mas, com o passar do tempo, cada uma seguiu seu caminho, pois fomos nos unindo a outras pessoas, principalmente do mesmo curso. Acredito que a semana de calouradas foi decisiva para percebermos que cada uma seguiria um caminho diferente em nossa vida social na cidade de Viçosa e na UFV, pois conhecer novas pessoas, e principalmente mais relacionadas a nossos cursos, fez com que nos afastássemos lentamente, escolhendo sair e estar com essas novas pessoas.

Morei pelo período de um ano e meio na República Maucas. Posteriormente, por motivos de aumento do aluguel e das despesas, fui morar em uma república mais próxima à UFV, que me atendia no valor das contas mensais. Existia no Facebook¹¹ uma comunidade (ou grupo) chamada “Repúblicas de Viçosa - UFV” e foi por meio desta que encontrei minha nova moradia, já habitada por duas estudantes de Enfermagem. Me mudei, então, para esse novo espaço por volta de 2011.



Figura 3: Capa da Comunidade das Repúblicas Estudantis no Facebook

¹¹ Rede social criada em 2004 muito utilizada por pessoas de todas as idades para a postagem de fotos, textos, pensamentos, enfim, qualquer coisa que a pessoa desejar expor para os seus amigos da rede. Fonte: <<https://www.significados.com.br/facebook/>> Acesso em: 07/11/2017.

Foi uma experiência diferente morar com duas pessoas totalmente desconhecidas para mim. No período de um ano que permaneci naquela república, eu passava a maior parte do tempo sozinha dentro do meu quarto, sem conseguir me relacionar muito bem com as outras moradoras. Além de serem de cursos diferentes, elas tinham outros interesses e outras maneiras de viver diferentes das minhas, com por exemplo, hábitos mais caseiros, não gostavam de ir em festas ou de receber amigos na república. Além disso, elas eram amigas de longa data e eu me sentia um pouco excluída. Isso fez com que eu me mudasse novamente, dessa vez para uma república com sete meninas e uma cachorra de estimação. Quatro delas eram minhas amigas de curso.

O início foi uma grande alegria e nos reuníamos quase todos os dias, almoçávamos juntas, fazíamos festas na área externa, chamávamos vários amigos para reuniões e nos divertíamos muito. Como a república ainda não tinha um nome, batizamos de “Casa das primas” (O nome foi inspirado em uma música sertaneja de sucesso da época); íamos a festas; fazíamos adesivos para distribuir aos nossos amigos; os cantores nas festas mandavam abraço para a nossa república, que estava ganhando certa fama entre as repúblicas de Viçosa. Todavia, alguns meses de convivência fizeram emergir alguns atritos. A casa vivia suja, a cachorra fazia bagunça e as suas donas (duas irmãs) não se importavam; a limpeza da casa, que era dividida entre nós moradoras, estava deixando a desejar; o banheiro vivia sujo; enfim, quase tudo relacionado à limpeza e desorganização me desanimou a continuar morando ali. Lembro-me que, nessa época, eu ia para a universidade assistir as aulas e sentia receio de voltar para casa, pois aquela república já não era um lugar que me agradava, que me produzia afetos alegres.

Meses depois, minha irmã passou no vestibular de Ciências Biológicas/UFV e se mudou para Viçosa. Decidimos, então, procurar uma república para morarmos juntas. Encontramos uma, conhecida como “Penélopes Chamosas”, que nos atendia no valor das contas e na quantidade de meninas (éramos quatro no total, cada uma com seu quarto individual). Morei nessa república até o fim da minha graduação, e saí apenas quando retornei à cidade de Ubá para morar novamente com meus pais. Considero que esta foi a república que mais me ajudou a compor modos de viver que me eram

potentes, que me faziam feliz. Além do fato de que éramos unidas, saíamos juntas, fazíamos reuniões e almoços, a questão da limpeza da casa era bem organizada, e todas as moradoras cumpriam suas tarefas de uma forma que, para mim, eram adequadas.

Nesse sentido, diante às minhas experiências como moradora de repúblicas, acredito que estas últimas são parte das redes relacionais de muitos universitários da UFV, influenciando em suas maneiras de existir como estudante. Essas moradias podem ser femininas, masculinas ou mistas, compostas por estudantes de diferentes cidades e cursos. Muitas vezes batizadas com nomes singulares que as identificam, as repúblicas que visitei enquanto discente de graduação possuíam peculiaridades, pois cada grupo de estudantes criava seu próprio território existencial, com suas próprias regras, modos de pensar e de viver, que acabavam fomentando diversas maneiras de existir no mundo estudantil.

Havia repúblicas compostas por estudantes mais compenetrados em suas atividades acadêmicas e que passavam mais tempo estudando em casa ou na biblioteca; havia outras compostas por estudantes “festeiros”, que frequentavam constantemente bares e festas, fazendo uso de bebidas alcoólicas e tendo o costume de reunir muitos amigos em suas próprias repúblicas para encontros regados a música e bebida, dentre outros estimulantes. Conheci também muitas repúblicas de estudantes que, além de produzirem essas reuniões dentro das próprias repúblicas, produziam eventos maiores, realizados em espaços de shows na cidade, atraindo muitas pessoas.

Aqueles estudantes, em alguns casos, passavam a utilizar o lucro das festas para se manterem financeiramente na cidade, não precisando mais da ajuda financeira dos pais. Tal independência financeira era alcançada principalmente pelos organizadores de festas que acabaram por se tornar tradição anual na cidade, como “Nicoloco”, “Mais Louco que o Batman”, “Torresmo, Cachaça e Viola”, dentre outras. Além dos principais organizadores, havia também outros estudantes que ajudavam na organização dos festejos, assumindo o compromisso de vender ingressos, divulgar o evento na cidade, colar cartazes, trabalhar nos bares no dia do evento; enfim, trabalhar em prol daquele acontecimento, muitas vezes em troca de apenas um convite.

Além das repúblicas responsáveis por produzir festas, frequentei algumas em que aconteciam o “esquentar”, que é um encontro popular entre os estudantes que gostam de fazer uso de bebidas alcoólicas com os amigos antes de saírem para uma festa.

O tempo que passei conhecendo diferentes repúblicas em Viçosa me fez perceber que esses modos de morar e de produzir festas poderia interferir nas maneiras de ser estudante na UFV, sendo que houve inclusive estudantes que passaram a se dedicar mais à organização de festas, por ser um atrativo financeiro ou por prazer, e abandonaram em parte os estudos (objetivo inicial da vinda destes para a cidade), repetindo disciplinas, atrasando a formatura, mas estendendo seu tempo como organizadores dos eventos.

Nesse sentido, para a construção deste trabalho, parti de uma proposta investigativa sustentada por Lopes (2011), que considera que nas dinâmicas que acontecem nas repúblicas estudantis são compostos diferentes territórios existenciais, pensados, então, como ritornelos a ritmarem modos de existir produzidos no convívio, nos afetos e nos conflitos, de onde emergem diferentes maneiras de existir no mundo estudantil. Segundo Lopes (2011), nas repúblicas de Viçosa:

(...) as relações que se desenrolam, então, são as mais variadas, tendendo cada república a ter uma dinâmica, um ritmo, uma “cara” (a qual é reforçada com o batismo de um nome próprio a lhe conferir uma marca identitária como: “Carraspana”, “Largados”, “Formigueiro”, “Nave”, “Deck 301”, dentre outros) que tende a se manter estável mesmo na alternância de moradores (LOPES, 2011, p. 218).

Lopes considera, então, que as repúblicas colocam em movimento um tipo de identidade que as marca e as territorializa em diferentes modos de morar e produzir sentido relacional. Os territórios não nascem para instaurar verdades, mas sim para anunciar uma repetição e/ou diferença, um novo tipo de organização ou uma produção de subjetividade. Portanto, a produção de subjetividade está comprometida com a manutenção e/ou criação de modos de existir, organizando mundos possíveis, e conseqüentemente, novas maneiras de habitar territórios.

Assim, na intenção de seguir estes ritornelos que compõem os territórios discentes em repúblicas, decidi acompanhar os cotidianos de uma

república feminina na cidade de Viçosa, na tentativa de dar visibilidade aos processos de produção de realidade daquela república.

5 - OS CAMINHOS DE UMA PESQUISA QUE ME COMPÕE

Quando decidi pesquisar sobre repúblicas, a primeira questão que me veio foi: qual ou quais repúblicas escolher? Uma vez que eu não morava mais em repúblicas, decidi escolher uma que tinha relação com as que morei e que considero que foram bons encontros, que me potencializaram. Optei, portanto, por realizar minha pesquisa de campo numa república feminina, envolvida com festas estudantis, compostas por seis discentes universitárias de diferentes cidades.

Contudo, é importante salientar que a pesquisa que realizei não pretendeu desvendar uma verdade ou produzir uma representação totalizadora da realidade acerca das repúblicas estudantis, mas sim problematizar práticas cotidianas que produziam uma república feminina em seus modos de existir e de “ser estudante”. Como escolhi seguir os processos de produção de realidades a partir das tramas relacionais, procurei fazer uma intenção cartográfica de pesquisa como proposta metodológica. Nesse sentido, acreditando que os moradores de repúblicas são produzidos pelas (e produtores das) redes em que eles estão inseridos, utilizo a noção de redes rizomáticas no desenvolvimento de uma intenção cartográfica de pesquisa.

Deleuze e Guattari (2000), capturando o conceito de rizoma da botânica para a filosofia, acreditavam que os processos de subjetivação são atravessados por agenciamentos e conexões de diferentes dimensões a constituírem diversas tramas e, conseqüentemente, múltiplas realidades. Segundo Simonini (2015, p. 67):

(...) o rizoma é biologicamente definido como um caule modificado em forma de raiz, podendo formar bulbos e tubérculos. Estes são ricos em reservas energéticas para as plantas e apresentam crescimento horizontal, formando teias vegetais que ligam uma planta a outra. Assim, não necessariamente imergindo em profundezas, os rizomas formam redes conectivas como ocorre com as gramíneas que, mesmo possuindo raízes fasciculadas, estão tecidas em rizomas.

Nesse sentido, os autores se interessaram por essa característica conectiva, pois o rizoma, filosoficamente falando, “seria uma maneira de expressar as multiplicidades sem ter que ligá-las à unidade” (FERREIRA, 2008, p. 33), pois nele só existiriam ligações e rompimentos, e não uma essência unificadora. Ele é capaz de estabelecer novas conexões e crescer em qualquer

direção, não existindo um início ou um fim, apenas um meio onde ele transborda. Por isso, o rizoma “não pode ter uma estrutura definida, pois assim aconteceria um aprisionamento, como na árvore” (FERREIRA, 2008, p. 34). Desta maneira, Deleuze e Guattari (2000, p. 14-15) consideraram que:

(...) qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem (...) não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas.

Por sua vez, cartografar uma rede rizomática consiste em acompanhar algumas das conexões que nela são tramadas e, nesta pesquisa, acompanhei as intensidades das conexões por meio das linhas que se moviam nos cotidianos das estudantes na república feminina. Assim, assumi uma atitude de pesquisa cartográfica na tentativa de capturar mundos que se produziam nas tramas das redes de convivência. Nesse tipo de pesquisa, a “produção de conhecimento se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos (pelo pesquisador) no encontro com seu campo de estudo, que não é neutro, nem isento de interferências e, tampouco, é centrado nos significados atribuídos por ele” (ROMAGNOLI, 2009, p. 170). Desta maneira:

Cartografar é mergulharmos nos afetos que permeiam os contextos e as relações que pretendemos conhecer, permitindo ao pesquisador também se inserir na pesquisa e comprometer-se com o objeto pesquisado, para fazer um traçado singular do que se propõe a estudar. Nesse sentido, a cartografia tem como eixo de sustentação do trabalho metodológico a invenção e a implicação do pesquisador, uma vez que ela baseia-se no pressuposto de que o conhecimento é processual e inseparável do próprio movimento da vida e dos afetos que a acompanham (ROMAGNOLI, 2009, p. 171).

Assim, uma pesquisa de inspiração cartográfica pressupõe que o conhecimento é processual, e considera que quando o cartógrafo entra em campo, depara-se com processos que já estão em curso. É importante, pois, que o pesquisador mergulhe nos cotidianos em que pretende realizar sua pesquisa, abrindo-se ao encontro, às intensidades e afetos que estão em circulação nesses meios. Ele deve deixar-se afetar pelo campo e estar disposto a viver as tramas e intensidades que a pesquisa indicar.

Para seguir as pistas de conexões das redes cotidianas de produção de realidade, foi preciso me envolver com as participantes da pesquisa, com suas falas, espaços, conversas, e também tramar as redes que foram compostas e

que me compuseram. Para isso, decidi morar por um período de um mês na república escolhida, apesar de deixar avisado às moradoras que eu poderia sentir a necessidade de ficar mais, ou menos, dependendo do desenvolvimento da pesquisa. O fato de morar com elas permitiu que eu me entrelaçasse às tramas cotidianas das moradoras. Segundo Spink, 2008, p. 72:

(...) o pesquisador deve aprender a prestar atenção a nossa própria cotidianidade, reconhecendo que é nela que são produzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte ordinária do próprio cotidiano, não como um pesquisador participante e muito menos como um observador distante, mas simplesmente como parte.

Por isso, o pesquisador deve acompanhar as redes constituidoras de sentido e de territórios existenciais, considerando que este também faz parte delas, se atendo ao que o toca de alguma forma. Assim, o “pesquisador conversador” (SPINK, 2008) é aquele que se compõe no cotidiano que pesquisa, que afeta e é afetado.

Nessa perspectiva, portanto, busquei traçar um mapa possível, na construção de uma cartografia contingencial e transitória do que emergiu nas produções de subjetividade que compuseram as redes do tecido social da república pesquisada.

Assim, me mudei para a república e morei por quatro semanas na mesma, no período de maio a junho de 2017, a fim praticar com as moradoras o cotidiano da república e mapear alguns modos de existir que compunham os mundos daquelas estudantes. Igualmente, ambicionei, neste trabalho, seguir a produções de subjetividade daquela república para além do convívio dentro da casa, no momento em que também participei de uma festa que aquela república auxiliava a promover e organizar. Além do tempo em que passei na república, outro espaço que permitiu me aproximar das estudantes foi o grupo privado da república no Whatsapp¹², composto apenas pelas moradoras e por mim, possibilitando que eu acompanhasse as partilhas, as brincadeiras, os desabafos, as motivações, as desavenças, as tristezas, entre tantos outros temas que emergiram. Neste grupo, fiquei por aproximadamente dez meses desde a minha entrada na república, uma vez que eu não queria me afastar

¹² WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeos para smartphones.

totalmente delas e continuar, mesmo que à distância, participando de alguns assuntos tratados ali.

Nesse sentido, a pesquisa empreendida na república escolhida consistiu na expressão de minhas experiências vividas no período em que segui as composições de vida daquelas moradoras. Fiz, assim, uso de diário de campo e narrei cenas e histórias em que afetei e fui afetada. O diário de campo consiste em escritos ou desenhos, que podem ser feitos no papel, em computador, no celular, ou seja, da forma que o pesquisador achar necessário. Isso possibilitou o registro de observações e acontecimentos que me afetaram, no curso da pesquisa. Barros e Kastrup (2009) exemplificam, da seguinte forma, o uso do diário de campo em uma pesquisa de cunho cartográfico por elas conduzida:

Para a pesquisa cartográfica são feitos relatos regulares, após as visitas e as atividades, que reúnem tanto informações objetivas quanto impressões que emergem no encontro com o campo. Os relatos contêm informações precisas – o dia da atividade, qual foi ela, quem estava presente, quem era o responsável, comportando também uma descrição mais ou menos detalhada – e contêm também impressões e informações menos nítidas, que vêm a ser precisadas e explicitadas posteriormente. (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 70).

Dessa forma, minha proposta se comprometeu com o “acompanhar processos” e produzir visibilidade a produções realizadas em universos cotidianos, considerando que não existem verdades à espera de serem descobertas, mas sim invenções e modos de ver e pensar que criam diferentes possibilidades existenciais. Assim, minhas análises das cenas aparecem neste trabalho na forma de narrativas que contam histórias compostas entre mim e meu campo de pesquisa.

5.1 Narrativas que nos atravessam e dão sentido à vida

A vida é a arte do encontro.
(VINÍCIUS DE MORAES)

Escrever não é processo fácil para mim, apesar de eu me recordar que, quando tinha oito anos de idade, gostava muito de escrever e, naquela época, decidi que eu seria escritora e comecei a criar histórias e registrá-las em um caderno. Lembro-me de uma professora de Português que me incentivava muito e elogiava a minha escrita, o que me deixava ainda mais empolgada a continuar escrevendo. Além disso, sempre gostei bastante de ler livros de ficção, romances, suspenses; naquela época dos meus oito anos, em especial, lia muitos livros infantis.

Foi quando me deparei com um livro chamado “Do fundo da caixinha”, de autoria de Andrea Daher, que me despertou extremo interesse, a ponto de me levar a escrever para a autora fazendo um elogio à sua obra e também pedindo que ela me enviasse de presente mais algumas obras de sua autoria. Enviei a carta sem muita expectativa, pois eu não acreditava que uma autora famosa, com livros publicados, daria atenção a uma criança. Alguns dias depois, para a minha surpresa, recebi uma carta resposta da referida autora acompanhada de outro livro de sua autoria, chamado “Cor de camaleão”, que se dedicava a narrar sobre o motivo de os camaleões serem animais que mudam de cor para se camuflarem na natureza e se esconderem de predadores.

Lembro-me de ter ficado extremamente feliz e empolgada, mas, apesar disso, com o passar do tempo a minha ambição de ser escritora acabou se esvaindo diante de outros interesses que desviaram a minha atenção. Contudo, em 2010, essa mesma autora me enviou uma carta inesperada dizendo que encontrou, em meio a seus guardados, a minha cartinha, que tinha sido a ela remetida no ano de 1998. Narrou, nessa nova carta, que ficou curiosa para saber como eu estava naquele momento, o que a levou a pesquisar o meu

nome no Google¹³. Descobriu que eu havia ingressado no curso de Pedagogia na UFV e decidiu, assim, escrever novamente para mim.

Quando recebi aquela carta fiquei surpresa e achei um gesto amável por parte da autora, que parou novamente alguns instantes de sua vida para escrever para uma pessoa que ela não conhecia. No entanto, naquele momento eu estava passando por um turbilhão de novidades em minha vida, a mudança de Ubá/Minas Gerais (minha cidade natal) para Viçosa logo após a aprovação no vestibular, os novos amigos, as festas, enfim, toda a novidade que compôs minha vida enquanto uma estudante caloura¹⁴, o que me levou a esquecer de responde-la e abandonar, por hora, a carta. Alguns anos depois, mais especificamente em julho de 2014, encontrei aquela carta de 2010 em meus guardados e decidi responder, mesmo com todo o atraso. Como eu não tinha mais o envelope com o endereço da autora, pesquisei o seu nome no Google e descobri seu e-mail¹⁵. Pensei que seria mais fácil me comunicar virtualmente, e assim o fiz, primeiramente pedindo desculpas pela falta de atenção que tive com aquela gentileza dela para comigo alguns anos antes.

A partir daí, trocamos inúmeros e-mails e telefonemas sobre diversos assuntos, especialmente sobre minha vida acadêmica. Andrea Daher se mostrou feliz quando contei-lhe sobre a minha vontade de seguir carreira acadêmica e ingressar em um programa de mestrado, e ela se prontificou a me ajudar. A referida autora é historiadora e já trabalhou como docente em Programas de Pós-Graduação em Educação. Naquela época, ela me enviou muitos livros que me ajudaram a estudar para processos de seleção diversos que tentei. Inclusive em uma de minhas idas ao Rio de Janeiro, tomei um café em sua casa e tive o prazer de conhecê-la pessoalmente. Passei a admirá-la ainda mais e, intimamente, tive um sonho de me tornar alguém parecida com ela, autora de livros e pesquisadora acadêmica. Apesar do sonho, mesmo com sua ajuda e incentivo, eu ainda não acreditava em meu potencial, o que me deixava em dúvida sobre tentar uma carreira acadêmica ou não.

¹³ Mecanismo de busca muito utilizado na internet onde encontramos qualquer tipo de pesquisa ou assunto.

¹⁴ Estudante novato em uma universidade.

¹⁵ É um meio de comunicação baseado no envio e recebimento de mensagens por meio do uso da internet.

Em uma de nossas trocas de e-mails, ela me enviou as cartinhas que escrevi para ela quando criança. O que eu não lembrava era de que havia mais de uma carta escrita por mim, pois quando ela me enviou o livro Cor de camaleão, eu respondi novamente, agradecendo. A seguir, apresento as cartas:

Andrea Daher, essa sua obra "Do fundo da caixinha" foi o primeiro livro que eu li seu, e eu gostei muito. Quando eu crescer, quero ser igual a você, uma escritora. Eu tenho oito anos e me chamo Ludmilla. A melhor parte é quando aquele menino constrói um museu de caixas. Eu gostaria de te conhecer mas não posso. Eu gosto muito de ler e quero que você mande alguns livros pra mim. Os seus livros devem ser muito legais porque eu gostei do seu livro "Do fundo da caixinha". Eu vi o seu livro no cantinho de leitura da escola. O nome da escola é "Escola Estadual Coronel Camilo Soares". Agora preciso parar de escrever que eu vou pra escola ler o seu livro. Um abraço, Ludmilla.

Ubá, 10/03/32

Andrea Daher

Uma sua obra "do fundo da caixa" foi o primeiro livro que eu li seu. E eu gostei muito.

Quando eu crescer, quero ser igual a você, uma escritora.

Eu tenho oito anos e me chamo Ludmilla.

A melhor parte é quando escrevo minhas histórias sem mistela de caixa.

Eu gostaria de te conhecer mas não posso.

Eu gosto muito de ler e quero que você mande alguns livros pra mim.

Os seus livros devem ser muito legais porque eu gostei do seu livro "do fundo da caixa".

Eu vivo na escola no cantinho de leitura da escola.

O nome da escola é "escola estadual coronel Camilo Soares".

Agora preciso parar de escrever que eu vou para a escola ler o seu livro.

Um abraço

Ludmilla

Figura 4: Carta enviada à Andrea Daher

A seguir, a segunda carta que enviei após receber o presente:

Ubá, 11 de janeiro de 1999. Querida Andrea, fiquei muito feliz ao receber sua carta e o seu livro. Me perdoe por não ter lhe escrito antes para agradecer, é que com o corre-corre do fim de ano, não tive tempo. Sabia que é a primeira carta que eu recebo de uma escritora? Mostrei para minha professora e todos os meus amigos. O livro Cor de Camaleão que você me mandou é muito interessante. Aprendi com ele uma coisa que nunca me passou pela cabeça, que camaleões mudam de cor. A parte do livro que eu mais gostei foi quando o camaleão que não mudava de cor comeu todos aqueles bichinhos e pegou a febre amarela. Para terminar, quero te dar os

parabéns pelo seu trabalho e desejar que você faça muito sucesso. Parabéns também ao Zaven Paré por suas ilustrações. Um abraço, Ludmilla.



Uelá, 11 de janeiro de 1999


Querida Andréa,

Fiquei muito feliz ao receber sua carta e o seu livro.

Me perdoe por não ter lhe escrito antes para agradecer, é que com o corre-corre do fim de ano, não tirei tempo.

Sabia que é a primeira carta que recebo de uma escritora?

Mostrei para minha professora e todos os meus amigos.

O livro cor de camaleão que você me mandou é muito interessante.

Aprendi com ele uma coisa que nunca me passou pela cabeça, que camaleões mudam de cor.

A parte do livro que eu mais gostei foi quando o camaleão que não mudava de cor comeu todos aqueles bichinhos e pegou a pelote amarela.

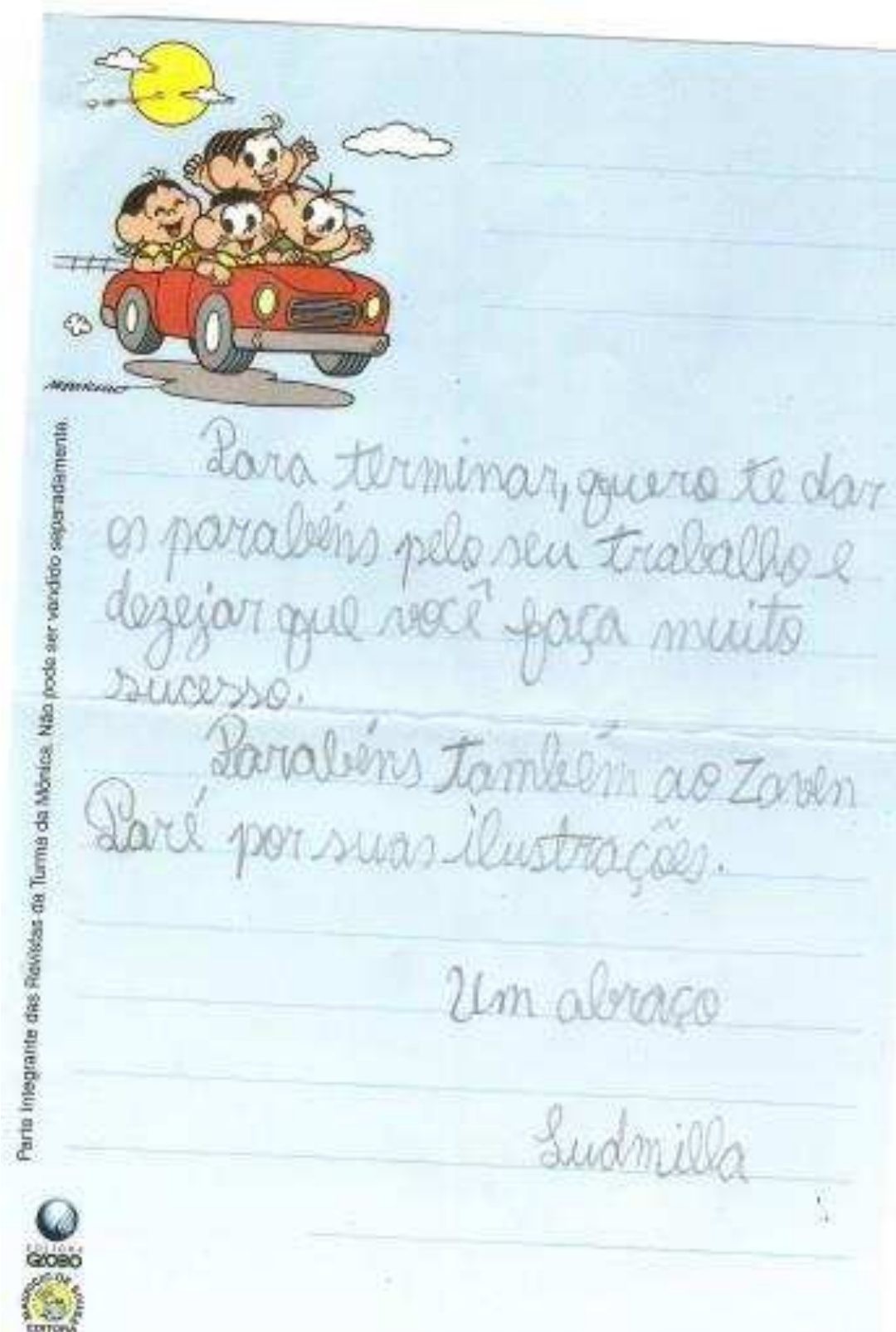


Figura 5: Segunda carta enviada à Andrea Daher.

Quando reli essas epístolas, fui afetada de uma forma inesperada, que me fez desmontar a ideia de incapacidade da conquista do sonho de me tornar uma escritora, uma vez que este era um sonho de criança. Considero, pois, que este fato foi um acontecimento que me ajudou a produzir uma nova possibilidade em minha vida. Segundo Simonini e Guimarães (2017, p. 98-99),

um acontecimento desenha um instante não consumido em tédio, pois fecundado em futuros emergentes nos jogos de força envoltos a múltiplas influências dispersas que, agenciando-se em um momento histórico e social específicos, trazem consigo efeitos que modificam determinado curso das circunstâncias. (...) um acontecimento não se reduz a um fato isolado, mas se multiplica em movimentos que ativam (e igualmente são ativados em) um feixe complexo e não linear de circunstâncias que afetam, ainda que de maneira sutil, o ritmo temporal, mnemônico, histórico, político e cognitivo de produção de mundos em que um sujeito e seus grupos se identificam, pensam e projetam suas vidas.

Nesse sentido, os acontecimentos têm a potência de modificar os rumos de nossos mundos, sempre instáveis, uma vez que podemos nos deparar com novos movimentos a desmontarem um território cristalizado e a construírem novos. Portanto, reler essas cartas que narravam um sonho de ser escritora, junto ao encontro com a autora anos depois, foram acontecimentos que contribuíram para a produção de uma realidade a ser vivenciada por mim, uma vez que:

A vida, como movimento e existindo enquanto duração, seria também criação contínua e ininterrupta, podendo sempre se abrir a uma novidade assustadora a fomentar novas dinâmicas cognitivas, novas sensibilidades e, conseqüentemente, diferentes produções de subjetividade urdidas em outras experiências de aprendizagem. (SIMONINI, GUIMARAES, 2017, p. 100)

Essa narrativa é apenas uma, dentre as várias que eu poderia contar, que possibilitaram me tornar quem eu sou hoje. Se eu nunca tivesse respondido àquela carta, quais outras conexões seriam tramadas? Estaria eu, aqui, escrevendo esta dissertação? Será o destino algo fora de nós, pré-estabelecido, ou somos levados a construir nossa vida, a partir de como nos narramos diante dos acontecimentos e encontros deles derivados?

Huston (2010) afirma que os seres humanos possuem uma diferença crucial em relação aos outros animais, que é a capacidade de inventar histórias, produzir narrativas. “A narrativa confere à nossa vida uma dimensão de sentido que os outros animais ignoram”. (HUSTON, 2010, p. 18). A partir de

nosso nascimento, aprendemos a ser humanos dependendo de onde fomos criados e que ficções as pessoas irão nos inculcar, bem como das que compomos junto/com as que nos são contadas, uma vez que:

Não se nasce alguém, mas passamos a sê-lo. O eu é uma construção custosamente elaborada. Longe de sempre ter estado ali, esperando para se afirmar, é primeiramente um meio físico e humano e depois uma configuração móvel, em permanente transformação, que fixamos por mera convenção. (HUSTON, 2010, P. 23).

A autora supracitada acredita que nós, seres humanos, temos uma tendência à buscar sentido para a nossa vida, e por isso criamos narrativas que nos dão uma sustentação, sendo que “a narratividade se desenvolveu em nossa espécie como uma técnica de sobrevivência” (HUSTON, 2010, p. 19)

Pensando assim, todas as histórias, todos os modos de existir em sociedade são inventados, construídos no convívio. O que não quer dizer que as narrativas não são verdadeiras. Para quem as criou e para quem nelas acredita, elas se tornam verdades que compõem mundos, (territórios). Essa história narrada neste capítulo é só uma narrativa que me inventa e igualmente compõe sentido para a minha existência.

Portanto, para esta pesquisa, utilizei o recurso de produzir narrativas para pesquisar cartograficamente, considerando que narrar não significa informar ou traduzir uma realidade, mas sim contar uma experiência, histórias que, ao serem vivenciadas por mim como narradora, compõem concepções de mundo. Se esta pesquisa tivesse sido feita por outra pessoa, com outras composições de realidade, acredito que narrativas diferentes teriam sido criadas.

6 – SEGUINDO PISTAS DE PRODUÇÃO DE MUNDOS

Quando iniciei minha pesquisa de campo na República Feminina¹⁶ escolhida, decidi marcar um encontro para conversar com as moradoras na intenção de pedir que elas me aceitassem como uma nova residente por um período de um mês (podendo esse tempo se estender ou não). Expliquei a elas que a pesquisa se tratava de seguir o cotidiano de uma república estudantil feminina e que eu havia escolhido a delas por ser uma república que, aparentemente, possuía relação com o tipo de espaço que sempre me atraiu enquanto estudante de graduação: repúblicas envolvidas com festas. Decidi naquele momento que seria interessante eu me tornar uma nova moradora para viver mais intensamente a pesquisa, fazendo parte do cotidiano da república.

Eu já possuía uma concepção sobre aquela república, pois ela era famosa na cidade por apoiar diversas festividades realizadas por estudantes, além de possuir uma página no Instagram¹⁷ em que as moradoras postavam várias fotos dos momentos que partilhavam juntas: cozinhando, conversando, reunidas em bares, em festas, dentre outras.

Acredito que esse espírito de união e abertura ao convívio, que elas transmitiam nas postagens que realizavam na internet, facilitou que me aceitassem prontamente no convívio. No entanto, a dificuldade inicial, no que diz respeito à minha mudança para a república, foi sobre o lugar em que eu dormiria, pois todos os quartos já estavam ocupados. Elas decidiram que fariam um rodízio semanal e que, a cada semana, eu habitaria o quarto de uma delas, dormindo em um colchão no chão. Achei a ideia muito boa, pois me permitiria conviver com todas em seus mundos/quartos e passaria a ser tratada como uma nova moradora, dividindo despesas e tarefas cotidianas.

A república pesquisada era composta por seis quartos, sendo que um tinha banheiro (era o melhor quarto, tamanho médio, habitado, na época da pesquisa de campo, pela moradora mais antiga da república), outros dois eram maiores e três muito menores. A ocupação dos quartos também variava em

¹⁶ O nome da república não será revelado neste trabalho para preservar a identidade das moradoras. Sempre vou me referir à república feminina dessa forma.

¹⁷ Rede social de fotos para usuários de smartphones que desejam compartilhar com seus seguidores.

relação ao preço do aluguel, pois de acordo com o tamanho a contribuição da moradora era diferenciada, sendo que a suíte era o quarto mais caro. Havia também uma sala pequena com um sofá e uma televisão, uma cozinha e um banheiro social usado pelas moradoras que não tinham banheiro no quarto.

E foi na referida pequena sala de televisão que aconteceu meu primeiro encontro com as moradoras. Naquele dia, Mariana¹⁸ e Laura me receberam e contaram um pouco sobre a história da república e sobre as regras de convívio que elas possuíam. A república foi fundada em 2007 por 7 estudantes mulheres que alugaram um apartamento localizado em uma movimentada avenida no centro de Viçosa, bem próxima à UFV.

Durante 10 anos de existência, diferentes estudantes passaram por ela, sendo que no ano de 2017 (ano este em que imergi naquela residência estudantil) moravam ali 6 moradoras, as quais representavam vários cursos como: Medicina Veterinária, Agronomia, História e Mestrado em Engenharia Química. Vinham também de diferentes cidades como Franca/SP, João Monlevade/MG, Visconde do Rio Branco/MG, dentre outras. Essa diversidade humana a transitar por aquela república também era mostrada na parede da sala da casa, onde se encontravam várias marcas de mãos das pessoas que visitaram a república, ou ali moraram, durante seus anos de existência. Inclusive, no dia da minha primeira visita à república, elas me convidaram a deixar ali a palma de minha mão como o registro de minha passagem:

¹⁸ Os nomes usados neste trabalho são fictícios, para preservar a identidade das pessoas.



Figura 6: Pintura de mãos na parede da sala da república feminina

A república tinha, pois, o costume de receber muitas pessoas, e as moradoras se orgulhavam disso, pedindo para que os convidados deixassem o registro da mão acompanhado do nome, curso, cidade, ou algum recadinho por escrito, formando um mapa de intensidades.

Em relação às regras de convivência, elas seguiam um protocolo de organização onde as tarefas domésticas eram divididas entre elas. A não realização de qualquer uma das atividades combinadas gerava uma multa em forma de dinheiro. Assim, a casa era repleta de avisos sobre tarefas e multas, os quais as lembravam de que, por exemplo, se o pano de chão não fosse lavado, aquela responsável pela tarefa não realizada poderia sofrer uma multa de cinco reais:



Figura 7: Aviso sobre multa na república.

Essas multas eram pagas à própria república, que possuía duas caixinhas¹⁹, uma para ser usada quando de alguma necessidade da casa (gás de cozinha, alguma reforma da área em comum, lâmpadas que queimavam, dentre outras), e outra para gastos com festas, camisas e adesivos com o emblema da república. Muitas vezes o dinheiro que elas juntavam nesta segunda caixinha vinha da venda de “cortesias”²⁰ que ganhavam divulgando e apoiando festas realizadas por outras repúblicas.

Existia naquela casa, em termos relacionais, uma chamada “hierarquia”, sendo que o grau de autoridade funcionava por ordem de entrada na república, em que a mais antiga “mandava” na que entrou depois dela; esta, por sua vez, “mandava” na que entrou depois, e assim por diante. Desta maneira, a decana, que era a pessoa que morava há mais tempo na casa, era constituída numa espécie de chefe de todas as outras.

¹⁹ É costume algumas repúblicas usarem esse método de juntar dinheiro em uma “caixinha” para possíveis despesas que possam surgir na casa.

²⁰ São ingressos de festas que elas ganham como pagamento pelo apoio em festas. Estes ingressos podem ser vendidos por elas ou utilizados para a entrada das mesmas nas festas.

Em relação às festas, o envolvimento daquela república feminina acontecia de diversas maneiras: as moradoras eram chamadas por organizadores²¹ de festas para servirem de apoio, trabalhando no bar do evento, vendendo ingressos, participando das divulgações que aconteciam na entrada da UFV, no barzinho do Diretório Central dos Estudantes²² (DCE) ou nas redes sociais da internet. Segundo elas, a ativa participação nas divulgações era importante para que a república ganhasse fama, o que igualmente as auxiliava no ganhar de cortesias que favoreciam com que fossem gratuitamente às festas.

Todas estas informações foram colhidas no processo de convivência – nos encontros cotidianos realizados entre mim e as moradoras –, e foi seguindo os bons e maus encontros que me afetaram naquele convívio de república que pretendi apresentar a invenção de outros currículos discentes a movimentarem a vida universitária daquelas estudantes.

6.1 – A república, as moradoras: primeiros encontros

Bons e maus encontros são conceitos construídos por Benedictus de Spinoza, filósofo que produziu toda uma obra questionando e problematizando o significado de “existir”, as causas das paixões humanas e a origem e natureza dos afetos, acreditando que existir é a capacidade que temos de afetar e sermos afetado por outros corpos. Nas palavras do filósofo, “por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (SPINOZA, 2009, p. 50).

Ele acreditava que não existe uma essência geral do ser humano, sendo que cada um possui sua essência individual, e passamos a vida buscando realizar ao máximo o nível de potência da vida. Essa essência se relaciona ao fato de que cada ser possui um ritmo próprio, que diferencia uns dos outros. Isso determina que cada corpo tenha uma capacidade diferente de aumentar seu nível de potência.

²¹ Os organizadores eram, em sua maioria, participantes de repúblicas masculinas.

²² Sede social do DCE, situado no centro da Universidade Federal de Viçosa (campus UFV).

Assim, um dos maiores questionamentos trazidos por Spinoza (2009) é a respeito do que um corpo é capaz. Corpo, para o filósofo, é um nível de potência medido por sua capacidade de ação, que pode ser reconhecida no encontro de um corpo com outro. Nesse sentido, um corpo é toda e qualquer coisa que tenha a capacidade de afetar e ser afetada. O afeto é produzido pela afecção (contágio) de um corpo sobre outro, como no exemplo a seguir:

Quando um ser humano encontra-se com outro corpo, esse corpo o afeta, deixa nele uma marca corporal e mental. Esse encontro é, portanto, afecção e percepção da afecção ao mesmo tempo, como dois fenômenos paralelos: o corpo e a mente registram tudo o que sucede a um indivíduo. Um exemplo. Daniel come uma maçã. A maçã é um corpo que combina com o corpo de Daniel, mata sua fome e cai bem ao seu estômago. (...) Assim, Daniel deseja comer a maçã, a maçã é boa para ele e aumenta sua potência. (...) A impressão ou a marca que a maçã deixa no corpo de Daniel é a imagem que ele terá da maçã (LARRAURI, 2009, p. 47).

Seguindo este exemplo de Larrauri (2009), uma maçã pode ser considerada um corpo, pois esta tem o poder de contagiar positivamente o corpo de Daniel, aumentando sua potência, produzindo um afeto. Um mesmo corpo (a maçã, como do exemplo), pode não afetar positivamente outra pessoa, uma vez que cada corpo possui singularidades com potências para afetar e ser afetado, positiva ou negativamente. O afeto, portanto, é produzido pela afecção de um corpo sobre outro. Nossa potência de agir pode ser aumentada ou diminuída dependendo do afeto nascido a partir daquele encontro. Para saber se o afeto aumentou ou diminuiu nossa potência de agir, temos que descobrir se esse afeto gerou uma tristeza ou uma alegria, chamados por Spinoza de paixões.

Segundo Larrauri (2009), a ciência da vida (ou melhor, o objetivo desta) consiste em chegarmos ao máximo nível de potência que um corpo pode atingir. Ou seja, o que acontece a partir desses contágios (ou afecções) são chamados de bons ou maus encontros, que produzem paixões alegres ou tristes. Para Spinoza, segundo Larrauri (2009, p. 33), “o bom e o mau são noções relativas: chamo ‘bom’ aquilo que me cai bem, e ‘mau’ o que não me cai bem”. Ou seja, o que é bom para alguém pode ser ruim para outro. Uma afecção que é ruim para um corpo pode potencializar outro. Mas só descobrimos isso testando, experimentando, vivendo, pois:

(...) quando encontro outro corpo que me convém, sei que é bom para mim porque me sinto alegre. Ao contrário, quando encontro um corpo

que não me convém, sinto-me triste. A alegria e a tristeza são indicadores primários do trânsito para o aumento ou para a diminuição da potência. Deles derivam os sentimentos de amor e ódio. Amamos o que nos causa alegria e odiamos o que nos causa tristeza. (LARRAURI, 2009, p. 34)

Segundo Spinoza, existe um esforço empregado por nós, seres humanos, para realizar o que em nós é potente, o que nos alegra. Esse esforço, o impulso vital dessa potência, é chamado de conatus.

Embora seja certo que o impulso ou conatus impele a crescer, o resultado que podemos observar à nossa volta não é linear. A vivacidade das essências mostra-se tanto no crescimento como na diminuição da capacidade de ação (LARRAURI, 2009, P. 31).

Nesse sentido, sempre que uma afecção gera um afeto de tristeza que diminui a potência de agir, nos esforçamos para sair dessa tristeza que não potencializa a natureza do nosso ser. Spinoza, nas palavras de Larrauri (2009), diz que nosso corpo precisa se alimentar para permanecer vivo, para funcionar, sendo essa alimentação o encontro em que um corpo ingere outro corpo.

Quando meu corpo encontra-se com outro, ou me beneficia ou me prejudica: se as relações características do outro corpo harmonizam-se com o meu, porque são velocidades ou ritmos coincidentes, o resultado é uma composição; quando, ao contrário, o encontro se produz com um corpo que não me convém, age como um veneno, decompõe minhas partes e me enfraquece, porque tenho que investir energia e tempo para expulsá-lo; a força que emprego para afastar o corpo inimigo é força perdida. O meu corpo cresce na primeira hipótese; diminui na segunda (LARRAURI, 2009, p. 31-32).

Nessa perspectiva, um corpo para existir precisa estar em relação com outros corpos, pois é no encontro destes que podemos conhecer e determinar a capacidade de afetar e ser afetado, sejam afetos de alegria (quando compõem adequadamente um corpo e aumentam sua potência) ou de tristeza (quando produzem uma relação de decomposição com o corpo afetado e diminuem a potência de agir). Todos os corpos se produzem em encontros, entre afetos alegres ou tristes. A partir deles é que procuramos organizar os encontros, favorecer aqueles que nos produzem alegria e afastar os causadores de tristeza (LARRAURI, 2009).

Entendendo, portanto, a noção de corpo como tudo aquilo exprime uma potência para afetar e ser afetado, os encontros na república feminina pesquisada geravam diferentes afetos em mim (e nas outras moradoras), hora

aumentando nossa potência, hora diminuindo. As afecções dos contatos produzem diferentes regimes de sensibilidade, aumentando ou diminuindo a potência de um mundo, de uma maneira de viver ou de uma forma de pensar. Essas maneiras de viver-pensar dizem respeito, também, às produções de subjetividade.

Nesse sentido, ao me adentrar naquela casa como nova moradora, passei a me compor com outras produções de subjetividade que ali existiam e que apontavam para mundos que eu não conhecia. Dessa forma, já no primeiro dia em que cheguei à república, me senti insegura diante à toda novidade que me aguardava. Naquele dia, fui recebida por Mariana, estudante de História vinda de João Monlevade (MG) e a moradora mais antiga da república (a decana). Inicialmente, ela pediu para que eu deixasse as minhas coisas na sala, pois ainda não sabia em que quarto eu dormiria. Havíamos combinado, no encontro anterior, que eu faria um revezamento nos quartos (cada semana dormiria em um), no entanto, no dia em que cheguei, as moradoras ainda não tinham decidido qual seria o primeiro quarto. Mariana disse que mais tarde resolveriam isso e me deu sua chave para eu tirar uma cópia para ter maior liberdade de ir e vir da casa. Assim o fiz e, quando voltei, não encontrei ninguém nas áreas em comum da casa. Mariana provavelmente estava em seu quarto, com as portas fechadas, e todos os outros quartos também se encontravam fechados, o que me deixou sem saber se tinha mais alguém em casa. O encontro com as portas fechadas gerou um mim um afeto triste, pois me causou insegurança. A impressão que eu tinha da república de ser acolhedora foi se esvaindo naquele primeiro encontro, no meu primeiro dia como nova moradora.

Deixei minhas coisas na sala e saí para almoçar sozinha. Quando voltei, encontrei Laura, que me recebeu com entusiasmo e me chamou para ficar em seu quarto enquanto ela o arrumava. O quarto de Laura estava repleto de objetos e roupas pela cama, chão e mesa de estudo. Dentre os objetos, encontravam-se copos com emblema de festas, óculos escuros, adesivos da república, canetas, dinheiro, carteirinha de estudante, dentre outros. Enquanto conversávamos, perguntei se ela usava a mesa “de estudos” para estudar ou para guardar os objetos que ali estavam, e ela me disse que preferia estudar

na cama, mas não tinha o hábito de estudar frequentemente, somente em semana de provas, pois considerava o curso de Agronomia fácil.

Seu quarto estava desorganizado naquele dia, segundo ela, em consequência do final de semana de festas nas quais ela e as outras moradoras da república foram. De acordo com seu relato, as meninas tinham o costume de se arrumar em seu quarto, se maquiar e experimentar roupas, uma vez que era o maior quarto da casa e cabia todas ao mesmo tempo. Ao final, quando iam para a festa, deixavam toda a “bagunça” para ser arrumada no dia seguinte (ou dois dias depois, como foi o caso desta vez).

Entrando no quarto de Laura, entro também um pouco em sua história de vida. Ela chegou a Viçosa para cursar Agronomia vinda do interior de São Paulo. Filha de pais separados e sem grandes vigilâncias sobre si, sentia que sempre teve liberdade para fazer o que quisesse: por exemplo, morando ainda em São Paulo, ia para festas e voltava para casa à hora que desejasse. Fazia uso de bebidas alcoólicas desde muito nova, começando a se envolver sexualmente com meninos quando estava com 14 anos de idade, o que lhe deu uma sensação de independência e liberdade. Quando se mudou para Viçosa, morou em diferentes repúblicas até chegar à república pesquisada, onde, segundo ela, se encontrou.

Refletindo a respeito do que Laura quis dizer com “se encontrar”, é possível que Laura tenha produzido um bom encontro com aquela república, encontrando um espaço em que se sentia bem, em que conseguia se produzir mais potente. Seguindo os caminhos indicados por Spinoza, pode-se dizer que ela se mudou para essa república como um esforço (ou conatus) de realizar o que nela era potente, encontrando ali um local onde também tinha liberdade de fazer o que quisesse em seu quarto, que era o seu mundo particular dentro daquela casa.

Entendo que cada quarto na república era uma dimensão singular, sendo um território existencial que vibrava com seu próprio ritmo, ou estilo. Cada quarto era uma forma de compor uma vida e cada uma das moradoras fazia de seu espaço uma experiência de segurança e sustentabilidade, onde viviam da forma como queriam, independente das regras da república que vigoravam na convivência fora dos quartos. Por exemplo, enquanto existiam regras relacionadas à limpeza dos cômodos de uso geral (cozinha, banheiros,

sala), as mesmas não se aplicavam aos quartos. Cada moradora lidava com a organização e limpeza de seu respectivo aposento da maneira que lhe fosse apropriada. Dessa forma, como eu não tinha o meu lugar específico naquela casa, tive que habitar diferentes quartos com suas peculiaridades, que ora me causavam afetos alegres, ora tristes, uma vez que os meus modos de existir, de pensar e de viver entravam algumas vezes em conflito com o das moradoras.

O quarto da Laura tinha características que me afetavam positivamente. A forma como me senti acolhida naquele mundo me compôs em paixões alegres, o que me fez tender a passar a maior parte do tempo na companhia dela enquanto eu estava na república, pois ela demonstrava gostar da minha presença ali. No decorrer dos dias da pesquisa, percebi que nos outros quartos eu me sentia um pouco receosa de me aproximar, de transitar, uma vez que sentia que as meninas não demonstravam o mesmo acolhimento que Laura apresentou logo no início.

Desta maneira, a maioria dos dias em que habitei a república, eu tendia a passar com Laura em seu quarto, no entanto, na hora de dormir, eu ia para o quarto de Marcela, uma moradora que estava passando por alguns problemas pessoais e tinha trancado seu semestre na universidade, tendo retornado temporariamente para a casa de seus pais, em uma cidade próxima a Viçosa. As moradoras acharam melhor eu ficar no quarto de Marcela para que todas (incluindo a minha pessoa) tivessem mais privacidade em seus quartos. Percebi que existia ali um receio delas em dividir os seus quartos/mundos com alguém, e nos dias que se passaram habitei o quarto de Marcela. Contudo, aquele quarto não estava vazio; possuía uma moradora que se configurou em um grande incômodo para mim: uma gata. Marcela era dona de uma gata que morava em seu quarto mesmo quando ela não estava presente. Apesar de ela passar vários dias fora da república, as moradoras cuidavam da gata para ela e o animal permanecia a maior parte do tempo no quarto de sua dona, onde havia uma vasilha com ração, água, e uma caixinha de areia para a gata depositar suas fezes e urina. A caixinha poucas vezes recebeu limpeza por parte das outras moradoras.

Assim, as fezes da gata de Marcela produziram em mim um afeto triste, que me fizeram desanimar e perder a vontade de continuar ali, habitando o

meu “objeto” de pesquisa. Como disse, a caixinha estava sempre cheia de fezes e não havia uma manutenção da limpeza desta. Em relação a Laura, a mesma gata que me incomodava produzia nela afetos alegres, pois ela adorava brincar com a gata e deitar com ela em sua cama. Para tentar fazer uma composição alegre do meu corpo com aquele quarto, decidi que eu deveria fazer a limpeza do quarto e da caixa, na tentativa de me sentir melhor naquele ambiente.

Nos dias que se seguiram eu não cheguei a conhecer a dona do quarto que eu estava habitando. Só a conheci depois de duas semanas morando na república. Apesar disso, os modos de Marcela se construir como estudante e igualmente como moradora daquela república, produziram muitos efeitos em todas as moradoras.

6.2 – Individualidades e coletividades que se confrontam

Marcela veio para Viçosa estudar Educação Física vinda de uma cidade a 50 Km de Viçosa e apesar de não ter tido a oportunidade de conversar com ela, as outras moradoras me trouxeram um pouco do mundo daquela em cujo quarto eu dormia apesar do sofrimento que me causava os odores e minha alergia a gatos.

Em uma das histórias comigo compartilhadas, foi-me relatado que a partida de Marcela da república se deu de uma maneira repentina. Pouco tempo antes de eu iniciar minha pesquisa ali, Marcela havia chegado bêbada à república após um show realizado na cidade e, fazendo muito barulho de madrugada, pegou suas coisas e foi embora para sua cidade natal. Segundo os relatos de Laura, Marcela não estava em um bom momento de vida, passando por alguns episódios depressivos, sendo que Marcela, antes de partir, já não estava cumprindo seus deveres para com a casa. A limpeza era dividida de maneira que cada semana uma delas era responsável pelas áreas em comum (cozinha, sala e banheiros) e, na ausência repentina de Marcela, foi preciso refazer o cronograma de limpeza.

Percebi que havia um incômodo por parte das outras moradoras da república com o modo como Marcela se afastou da dinâmica da casa. Tal incômodo parece se relacionar com uma regra não explicitada de convivência

que parece organizar a vida das mulheres daquela república: a cumplicidade nas festas. O fato de Marcela ter chegado bêbada de uma festa à qual foi sozinha – ou melhor, na companhia de outras pessoas que não as moradoras da república – causou um atrito naquela convivência. Talvez a maior causa de aborrecimento das outras participantes da república residia no fato de Marcela estar agindo solitariamente, se afastando do coletivo.

Essa dimensão coletiva se mostrava como um roteiro do convívio a estabelecer a produção de um conhecimento relacional que sustentava a necessidade de todas trabalharem para um bem comum: a promoção da república nas festas. Este se estabeleceu como um currículo praticado e inventado na república, onde era validada a participação coletiva (justificada no modo como todas participavam da divulgação de festas e da organização da casa, por exemplo) e não a atitude individualizada e individualista, como praticada por Marcela, que, além de ir às festas sem as outras moradoras, não estava participando mais nem da arrumação da casa e nem da promoção coletiva das festas que a república apoiava. Nesse sentido, Marcela estava quebrando inúmeras regras construídas pelas moradoras por agir de forma isolada, estabelecendo um modo de agir e pensar que não se afinava com o currículo estabelecido como prática aceita para ela se manter como uma participante efetiva daquele grupo que partilhava uma mesma casa.

Marcela, portanto, estava balançando as composições curriculares do grupo, uma vez que entendemos o currículo como um conjunto de práticas de construção e apropriação de significados, a legitimar determinados conhecimentos e posturas. Deste modo, ele não está vinculado apenas aos conteúdos e disciplinas oficiais de escolas e universidades (como já foi discutido neste trabalho), mas a um caminho que se fabrica no próprio ato do viver. Desta forma, entendemos aqui por currículo não apenas o que é viabilizado nas instituições escolares, mas também no contexto das culturas, famílias, igrejas, políticas, economias e também em espaços cotidianos como os de uma república estudantil, pois um currículo é tramado em relações que perpassam estes espaços. Nesse sentido:

Todo currículo é pura relação de força (...) o importante não é perguntar o que é verdadeiramente um currículo, o que é um currículo em sua essência, mas, antes, perguntar que impulso, que desejo, que vontade de saber e que vontade de poder movem um currículo. Perguntar não pelo “ser” de um currículo, mas pelas condições de

sua emergência, de sua invenção, de sua criação, de sua imposição (CORAZZA, TADEU, 2003, p. 55).

Um currículo praticado é um movimento de produção de conhecimento com e nas experiências vividas; desta forma, o currículo praticado se relaciona com o conceito de produção de subjetividade, uma vez que ambos envolvem a produção de diferentes sensibilidades e maneiras de viver-pensar.

A república pesquisada possuía algumas regras de convívio no que dizia respeito às festas. As moradoras possuíam uma união quando o assunto era festa, seja em relação a uma que elas estavam participando da organização, ou também a outras que elas apenas iam para se divertir juntas. Não era uma regra que exigia obrigatoriedade, mas o fato de uma das moradoras se afastar desse roteiro não verbalizado de conduta, abalava a dinâmica relacional da casa. Marcela, com sua singularização, estava abalando esses modos de viver-pensar coletivamente partilhados naquela casa quando começou a ir em festas com outros amigos; quando se afastou da organização da limpeza; quando deixou de participar da promoção de festas em que se promovia também a república pesquisada. Marcela quebrava regras de cumplicidade e proteção mútua e a cena que narro a seguir reforça seu movimento destoante daquele que ritmava o currículo praticado da república.

Era a semana da festa Nicoloco/2017. Esta é uma festa que surgiu organizada por repúblicas de estudantes da Universidade Federal de Viçosa e que teve sua primeira edição em 2003. O seu nome foi inspirado em uma tradicional festa estudantil, organizada anualmente pelo DCE/UFV, chamada Marcha Nico Lopes, movimento este originado em 1929 na Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV – atual UFV) em homenagem a Antônio Lopes Sobrinho, um famoso dono de um bar em Viçosa.

Quando da festa Nicoloco, Marcela estava viajando, mas mandou uma mensagem para o grupo do Whatsapp da república avisando que três amigas dela ficariam em seu quarto. A forma como Marcela fez não se encaixava dentro das regras da república, como apontado por Mariana (a decana) em uma conversa neste mesmo aplicativo:

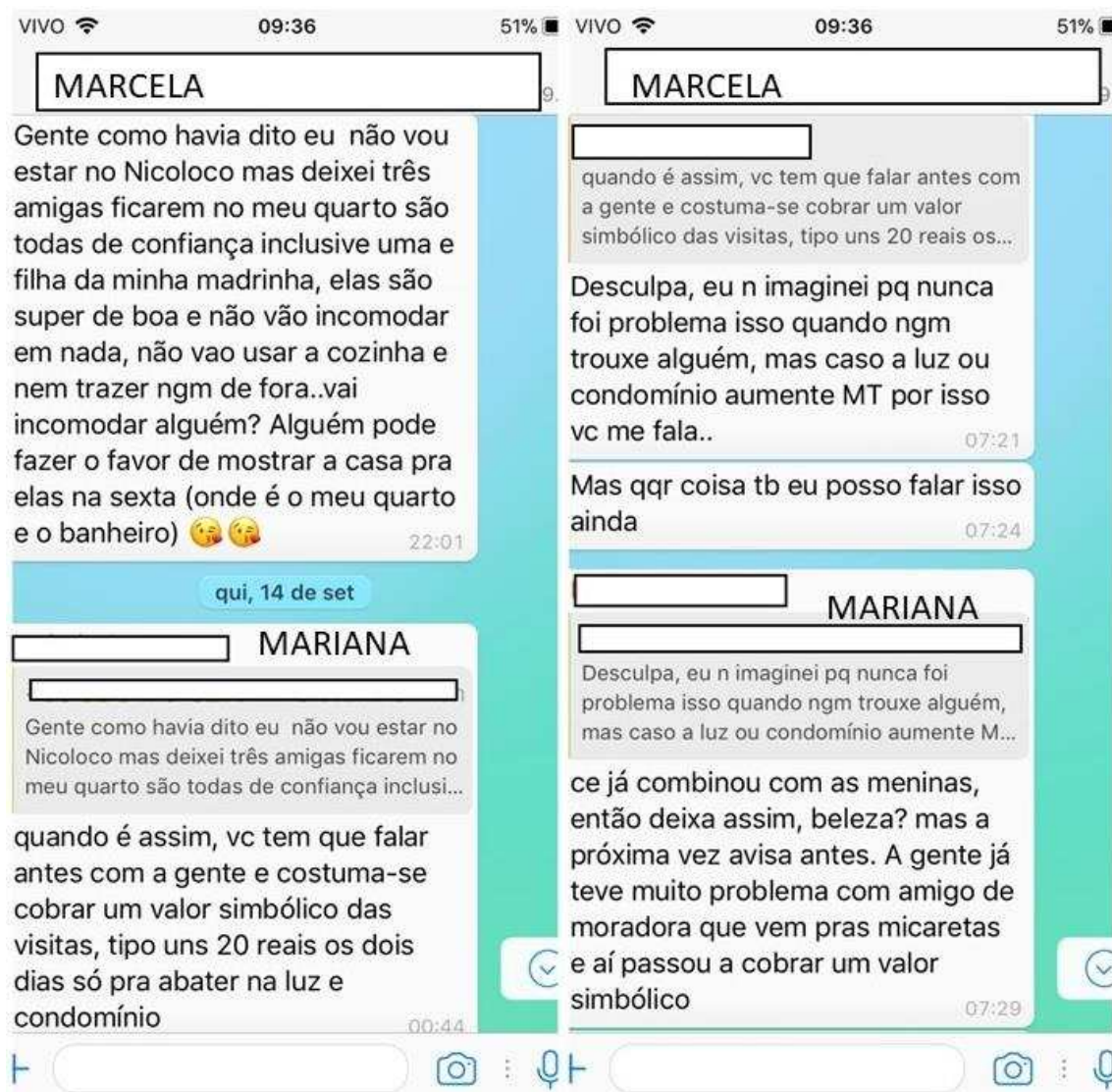


Figura 8: Diálogo no grupo do WhatsApp da república sobre a chegada das amigas de Marcela.

Diante às minhas observações e vivência dentro da república, percebi que o problema não era Marcela receber amigas em seu quarto (uma vez que esta era uma prática comum no cotidiano de partilha daquelas moradoras), mas sim deixar pessoas estranhas ficarem na casa enquanto a própria moradora responsável pelas visitantes não estaria presente. Afinal, as hóspedes não usariam apenas o quarto, mas também áreas em comum como o banheiro. Além disso, essa atitude de Marcela ia ao encontro a outras ocasiões em que se evidencializaram suas condutas individualizadas que igualmente reforçavam o fato de que as moradoras não poderiam contar com ela para a promoção de mais uma importante festa para a república.

Apesar dos empecilhos indicados por Mariana, as moradoras acabaram aceitando receber as amigas de Marcela, na expectativa de que nenhum problema fosse criado e que todas pudessem aproveitar o final de semana de festas. No entanto, o receio de Mariana acabou se concretizando com acontecimentos posteriores, como apresentado na troca de mensagens a seguir:

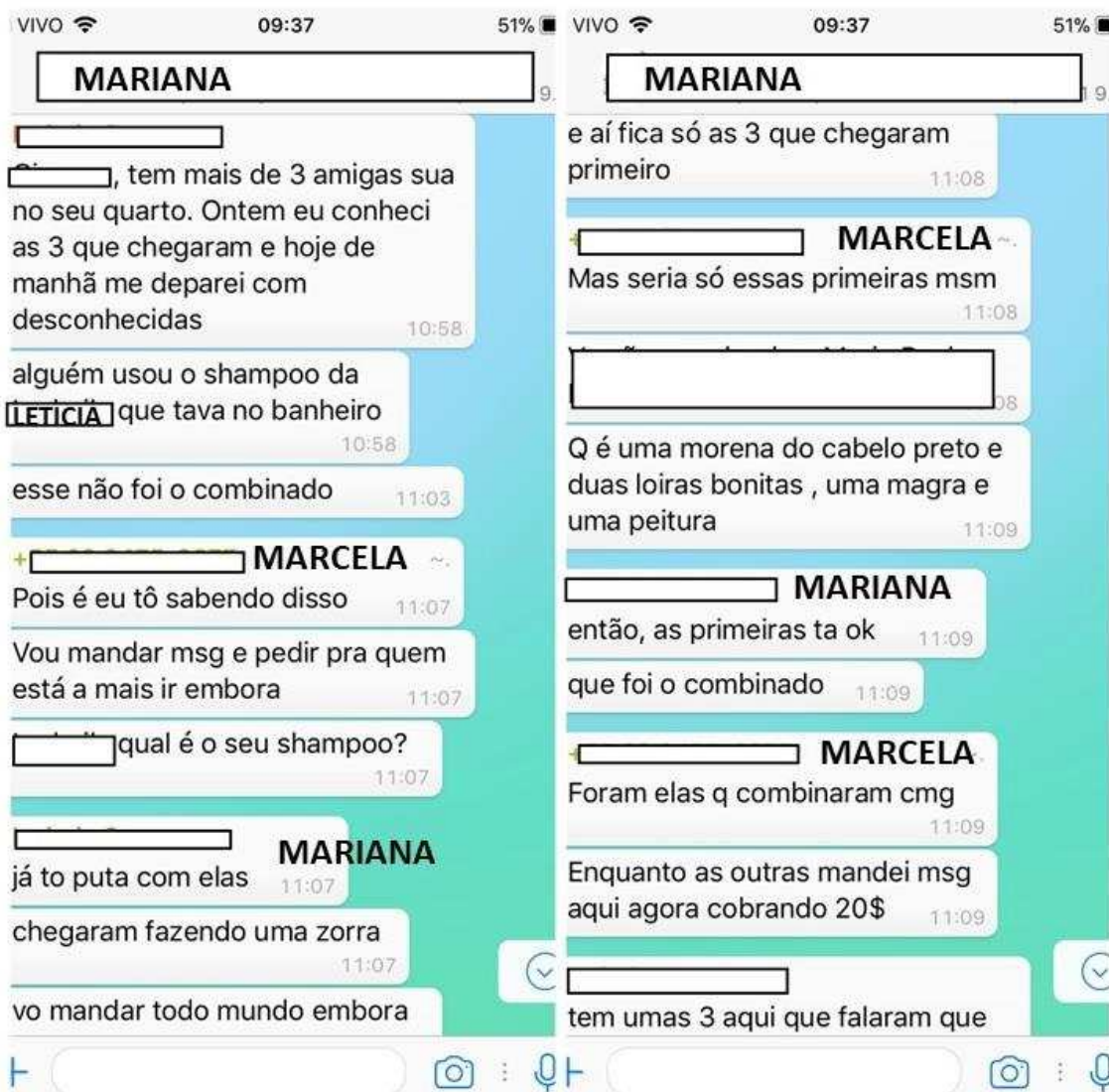


Figura 9: Diálogo no grupo do WhatsApp da república sobre os incômodos causados pelas amigas de Marcela.

Encontramos aqui outra espécie de roteiro de conduta, currículo praticado no convívio que estabelece uma zona de aproximação e distância. As três meninas podiam ficar no quarto, mas ao fazerem bagunça nos espaços coletivos (banheiro, por exemplo), causaram atrito com as outras moradoras.

Além da bagunça e do uso do shampoo, outro incidente aconteceu naquela mesma ocasião: o sumiço do ingresso de Laura para a Nicoloco. Como havia pessoas desconhecidas dentro da casa (as amigas de Marcela), Laura logo pensou que poderiam ter roubado seu ingresso, apesar de não ter provas para acusar ninguém. Esse fato gerou mais um mal-estar na casa e, apesar da falta de provas, as moradoras preferiam desconfiar das estranhas na casa do que gerar desconfiança entre elas. Nesse sentido, mais uma vez Marcela – com suas alianças externas à república – foi uma geradora de conflitos, pois além de estar agindo solitariamente em relação às outras moradoras, ela estava levando para a casa pessoas “de fora” que também não pensavam compondo com a república uma vez que interessadas somente em si mesmas. Diante disso, as moradoras decidiram tomar algumas medidas para que aquilo não mais acontecesse.

Em decorrência dos fatos narrados, as participantes da república organizaram, então, uma reunião em que o debate girou em torno do comportamento de Marcela. Reuniões são muito utilizadas para resolver problemas nesta república, as quais servem para definir normas, regras de conduta partilhada, ou seja, todo um currículo praticado e inventado na convivência. Aquela foi uma reunião tranquila em que as meninas demonstraram estar preocupadas com ela, e também com a organização da casa, que estava “ameaçada” por seu comportamento de ter se afastado do grupo. Ao final, Marcela enviou ao grupo a seguinte mensagem:



Figura 10: Diálogo no grupo do WhatsApp da república em que Marcela expõe o que estava sentindo em relação aos últimos conflitos.

A fala de Marcela ressalta a escolha de atitudes mais individualistas, quando ela assume que se afastou, que não está muito a fim de conversar e que tem ficado “na dela”. Essas atitudes criaram um afastamento do grupo e da dinâmica que organiza a república de modo geral, como foi dito: a união na organização e participação das festas.

A questão da limpeza como ressaltada por Marcela na mensagem, mostra que há uma urgência de produção de uma ordem no espaço coletivo (fora dos quartos, como cozinha e banheiro), apesar das particularidades de cada quarto que pode ser do jeito que elas querem (seja com as fezes do gato que transbordavam a caixa de areia no quarto de Marcela ou as roupas espalhadas no quarto de Laura). Quando esse tipo de coisa acontece em um espaço coletivo da república, há atrito entre elas.

Isso nos aponta para a produção de uma sensibilidade no convívio, que estabelece modos de existir junto, produções de subjetividade que dizem de um modo “correto” de viver dentro daquela república. Apesar de existir uma diversidade de modos de ser das meninas, cada uma compõe da forma que quiser dentro dos seus respectivos quartos. No entanto, elas tentam estabilizar uma organização de convívio que envolve regras (currículos) produzidas por elas; inclusive todo um modo de se produzir como mulher.

6.3 – Produções de feminilidades

Como já relatado, a república pesquisada era composta por seis pessoas, cada qual vinda de uma diferente cidade, carregando consigo um conjunto de modos de ser, de pensar, de existir e igualmente de ser mulher. Considerando que nossas maneiras de existir no mundo são entrelaçadas aos processos de subjetivação que compomos ao longo da vida, temos que os modos de ser mulher também são socialmente construídos nas dinâmicas de convívio. Nesse sentido, dentre as produções de subjetividade que produzem modos de ser mulher e de ser homem, o gênero também aparece como um importante produtor de subjetividade. O conceito de gênero surgiu como uma significativa referência de pesquisa em um momento histórico, no século XX, em que as mulheres estavam em luta por seus direitos sociais.

Contextualizando brevemente a história recente desse movimento das mulheres, Valeska Zanello²³ explica que a primeira onda²⁴ do que passou a ser chamado de movimento feminista se deu no final do século XIX e começo do século XX, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, com a luta das mulheres pelo acesso ao voto, ao sufrágio. A segunda onda, por sua vez, se deu na década de 1960 e 1970 do século XX, com a emergência dos estudos de gênero. Até então se acreditava que existiam diferenças físicas inquestionáveis entre homens e mulheres que definiam os modos de agir de ambos. Contudo, os estudos de gênero passaram a problematizar o fato de

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nU_fcEJvS0g>

²⁴ O movimento das mulheres foi dividido em três ondas (ou gerações). Para fins deste texto, não me aprofundarei na temática do movimento feminista.

que o “homem” e a “mulher” não podiam ser reduzidos a uma mera dualidade sexual, mas principalmente como papéis sociais entrelaçados em complexas tramas sócio-culturais. A terceira onda ocorreu no final da década de 1980, com influência de pensadoras como Judith Butler, que afirmou que a própria diferença sexual é uma construção cultural. Com isso, Butler contrariou tanto as ideias expostas pelas autoras feministas da primeira onda – que defendiam uma identidade-mulher – quanto as autoras da segunda onda, especialmente as que defendiam uma dicotomia entre sexo e gênero, apresentando o sexo como natural e o gênero como socialmente construído. (RODRIGUES, 2005). Considerando que existem diversas autoras estudiosas do conceito de gênero e que este conceito é um campo complexo de disputas, neste trabalho me concentro em expor brevemente a teoria de Judith Butler.

A questão chave para entender a diferença entre a visão das feministas e a de Judith Butler reside na compreensão de que o objetivo do movimento feminista se centrava na emancipação das mulheres e na conquista de direitos, o que realçava uma identidade feminina. Butler questiona a naturalização dessa identidade, afirmando que esse sujeito que o feminismo quer representar não existe. Desta forma, de acordo com Rodrigues (2005, p. 179):

O conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido, formaram o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas “desnaturalizadoras” sob as quais se dava, no senso comum, a associação do feminino com fragilidade ou submissão, e que até hoje servem para justificar preconceitos. O principal embate de Butler foi com a premissa na qual se origina a distinção sexo/gênero: sexo é natural e gênero é construído. O que Butler afirmou foi que, “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (p. 26). Para a contestação dessas características ditas naturalmente femininas, o par sexo/gênero serviu às teorias feministas até meados da década de 1980, quando começou a ser questionado. (RODRIGUES, 2005, p. 179).

Butler, portanto, acredita que definir as mulheres como uma categoria é uma falha e reduz a multiplicidade. A autora não concorda com a afirmação de que o biológico deve inferir no gênero, sendo que o sexo também é construído por meio dos discursos. Nessa perspectiva, Judith Butler se afasta da suposição comum de que sexo, gênero e sexualidade existem numa relação necessariamente mútua. Por exemplo, se alguém é biologicamente fêmea, espera-se que exiba traços “femininos” e tenha desejo por homens (uma vez

que vivemos em um mundo em que a heterossexualidade é considerada o normal). Em vez disso, Butler declara que o gênero é “não natural”; assim, não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero. (SALIH, 2017).

Nesse sentido, gênero não seria algo que somos, mas sim algo que fazemos, uma sequência de atos. Nas palavras de Butler, “O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser”. (BUTLER, 1990 apud SALIH, 2017, p. 89). O que faz com que Butler considere que

(...) o gênero não exprime uma essência, uma disposição natural, mas é definido como o efeito repetitivo de uma performance. A coerência e a continuidade entre as categorias de sexo, gênero e sexualidade são culturalmente construídas na repetição de ações estilizadas. Essa repetição que produz a aparência ontológica, binarista e essencialista dessas categorias é o que a autora chama de performatividade. No caso específico da distinção binarista entre sexo-gênero, ela serviria também para encobrir a multiplicidade de outras possibilidades que envolvem a construção de nossas identidades sexuais e de gênero. (BUTLER, 2003 apud DINIS, 2013, P. 6)

O gênero, portanto, seria uma sequência de atos que estão sempre ocorrendo e produzindo os sujeitos. Butler sugere que o sujeito não é livre para escolher que gênero vai encenar uma vez que o script, “já está sempre determinado no interior desse quadro regulatório, e o sujeito tem uma quantidade limitada de ‘trajes’ a partir dos quais pode fazer uma escolha restrita do estilo de gênero que irá adotar” (SALIH, 2017, p. 89 e 90). Em outras palavras, a performatividade é uma reiteração de um conjunto de normas que são repetidas e vão formando o gênero de cada um.

Assim, no acompanhar das relações cotidianas na república pesquisada, considero que nesta se promovia um tipo de performatividade feminina a conduzir os modos de ser de suas participantes, principalmente quando da atuação nas festas. Tal performance pode igualmente ser compreendida como um currículo praticado a direcionar condutas.

Dentro dessa questão da performance feminina, naquela república Patrícia foi uma das moradoras que me chamou a atenção pelo fato de ela trazer em suas perspectivas de vida uma singularidade que não se adequava à

maneira dominante de ser mulher naquela casa. Contudo, os afetos emergentes dos encontros de Patrícia com as outras moradoras produziram nela outras maneiras de pensar e sentir a sua própria expressão feminina.

Patrícia era estudante de pós-graduação em Engenharia Química, vinda da zona rural de uma cidade do interior de Minas Gerais, distante 200 km de Viçosa. Morou por 6 anos e meio em um alojamento dentro da Universidade (período este em que realizou o curso de graduação em Engenharia Química), e se mudou para a república pesquisada logo quando ingressou em um curso de mestrado na sua área.

Enquanto no alojamento ela dividia um quarto com outras cinco estudantes, na república ela tinha um quarto somente para si. Patrícia é morena, cabelos cacheados, muito magra e, no período de duração da pesquisa, tinha o hábito de se vestir com calça jeans, tênis e blusas que escondiam bastante o seu corpo. Mais pacata do que as outras moradoras da república, em suas composições de mundo Patrícia sofria em seus sonhos românticos, apaixonada que estava por um garoto que não sentia o mesmo que ela. Com baixa autoestima, ela também não se mostrava satisfeita com seu corpo, com seu jeito e com suas roupas, afirmando que “eu passo e nem os pedreiros mexem comigo, ninguém me chama de gostosa. Um dia me chamaram de ‘Tchutchuquinha’ por causa do meu estereótipo, do meu jeito”.

Essa fala de Patrícia me fez refletir sobre as múltiplas produções de subjetividade feminina na sociedade atual, considerando que os padrões de beleza são construídos socialmente e diferem de acordo com a época e com a sociedade. Em nossa sociedade, existem meios que difundem normas e imagens ideais de beleza feminina, sendo eles a mídia impressa, televisiva, virtual (internet), dentre outros. Wolf (1992, p. 112) problematiza tal questão afirmando que “as revistas transmitem o mito da beleza como um evangelho de uma nova religião. Ao lê-las, as mulheres participam na recriação de um sistema de crenças tão poderoso quanto o de qualquer das igrejas”.

Essa produção social do belo é difundida desde muito cedo às crianças, que “aprendem” por meio da mídia televisiva, brinquedos e até mesmo por meio de jogos qual é a “verdadeira” beleza feminina, como mostrado no exemplo a seguir:

Em Janeiro de 2014, o jogo infantil Plastic Surgery & Plastic Doctor & Plastic Hospital Office for Barbie Version, disponibilizado nas lojas virtuais da Apple® e da Google®, foi anunciado para crianças acima de nove anos de idade. O jogo apresentava bonecas acima do peso, descritas como “unfortunate girls”, e disponibilizava aos usuários procedimentos estéticos, como lipoaspiração, para transformarem as mesmas em “slim and beautiful”⁵⁰. Crianças de nove anos eram então incentivadas a reduzir as medidas de sua própria boneca virtual e introduzidas precocemente à cultura lipofóbica contemporânea. (ALTAF, 2014, p. 70).

Nesse sentido, o mito da beleza produz performances femininas e masculinas desde muito cedo ainda às crianças, por meio das produções de subjetividade que elas estão inseridas durante a vida. As mulheres crescem em uma sociedade com padrões de beleza considerados naturais e, sem que percebam, são influenciadas a seguir estes padrões para se sentirem aceitas socialmente.

Portanto, quando Patrícia demonstra a insatisfação de não ser aceita como objeto de desejo masculino, ela mostra que não está feliz com sua expressão de “menina boazinha, fofinha, tchutchuquinha”; desta forma, tende a se ver uma mulher pouco adequada aos quereres masculinos, estando inserida em um processo cultural em que muitas vezes, para se enxergarem como belas, muitas mulheres precisam se sentir adequadas aos códigos de atração que regem determinada época.

Em contraponto às maneiras com que Patrícia se via e se produzia mulher, as outras moradoras transitavam em códigos de feminilidade que valorizavam a exposição de partes do corpo e a conseqüente sensualização da expressão feminina. Buscavam se destacar como mulheres sensuais, com a utilização de roupas mais ousadas, provocando olhares a suas formas físicas tanto durante as divulgações das festas, quanto também nas fotos que elas publicavam nas redes sociais e no frequentar dos eventos festivos que auxiliavam a promover.

Isso me fez refletir se Patrícia escolheu morar nesta república para tentar “aprender” novas formas de ser mulher com as outras moradoras. Laura, por exemplo, possuía um modo de ser mulher completamente diferente de Patrícia. Ela era uma mulher com um corpo que se encaixava dentro dos padrões femininos dominantes da época (pernas grossas, seios grandes, cabelos lisos e compridos), e quase sempre usava roupas que realçavam

esses atributos físicos (shorts ou saias curtas, blusas com decote, dentre outros). Possuía consciência de sua capacidade de encantamento diante dos homens, que quase sempre a desejavam, chegando mesmo a ter dois parceiros sexuais em uma mesma época. Contudo, Laura aparentava certo desapego emocional em relação a tais parceiros, funcionando eles mais para satisfazer seus desejos sexuais. Isso entrava em contraste com os modos de ser e sentir de Patrícia no que se referia a relacionamentos.

Seguindo essas diferentes produções de feminilidade, tentei fazer um mapeamento destes modos de ser mulher no que se relacionava a uma das festas que elas estavam apoiando à época em que eu fui moradora da república e que tive a oportunidade de ajudar a divulgar e participar: a Spotted Party.

6.4 – Spotted Party

Na segunda semana como moradora da república, me vi envolvida nos preparativos de uma festa à fantasia que iria acontecer no sábado próximo: a Spotted Party.



Figura 11: Cartaz da festa Spotted Party - Arquivo pessoal

As moradoras da república estavam encarregadas de trabalhar na divulgação e eu fui designada a ajudar. Percebi, a partir disso, que ao adentrar

na república, inseri-me no currículo de convivência que elas praticavam ali, “obrigando-me” a participar ativamente de todas as atividades envolvidas com festas, assim como já estava envolvida na organização da casa.

Acompanhei-as, então, nas divulgações que aconteciam às 18 horas na entrada da UFV durante a semana que antecedia a festa. Aqueles momentos de divulgação também se constituíam em espaços de reuniões do grupo de estudantes organizadores da festa com os outros estudantes e repúblicas que os apoiavam. Dentre estas, estava aquela que eu pesquisava. Os apoiadores e organizadores se vestiam com a camisa propaganda da festa a ser promovida, penduravam banners e ali faziam uma pequena festividade regada a bebidas alcoólicas enquanto ofereciam ingressos aos estudantes que por ali passavam.

Pela proximidade da festa à fantasia, a república em que eu estava se encontrava agitada, e as meninas estavam combinando de se reunir para confeccionarem as fantasias. Certo dia, nos reunimos no quarto de Marcela (quarto que era meu naqueles dias, uma vez que Marcela ainda se encontrava afastada da casa) para realizar essa função. Laura escolheu a fantasia de Uber²⁵, com um vestido coladinho preto em que ela adesivou letras que formavam a frase: “se beber pegue um Uber”. Alice fez uma fantasia chamada “abóbora safadinha”, inspirada em uma série televisiva que ela gostava, que consistia em um vestidinho alaranjado com a costura de olhos e boca formando uma abóbora estilo halloween. Letícia escolheu a fantasia de lutadora, uma blusa bem curta e um short também curto. Mariana ia de salva-vidas, uma blusa vermelha colada no corpo e um short branco curto. Todas as fantasias tinham um apelo à sensualidade e uma conotação sexual que demonstrava a forma como elas produziam um tipo de feminilidade: sedutora, sensual. É interessante, contudo, se notar a ausência de Patrícia naquele momento, sendo que ela não se enxergava ter um corpo ou um perfil de feminilidade adequada a tal sensualização.

Enquanto elas criavam suas fantasias, fizeram algumas sugestões de como eu deveria ir. Sugeriram que eu me fantasiasse de “Coelha da Playboy”, uma fantasia que exigia uma roupa preta curta e uma orelha de coelho preta. A

²⁵ A Uber é uma empresa de tecnologia, a qual os usuários baixam um aplicativo em seus smartphones e conseguem encontrar motoristas nas proximidades. É semelhante aos táxis. Fonte: <<https://www.uber.com/pt-BR/blog/belo-horizonte/mas-afinal-o-que-e-uber-e-como-eu-posso-usar/>> Acesso em: 08 de novembro de 2017.

imagem que se segue é ilustrativa do resultado final de nossa preparação com as fantasias.

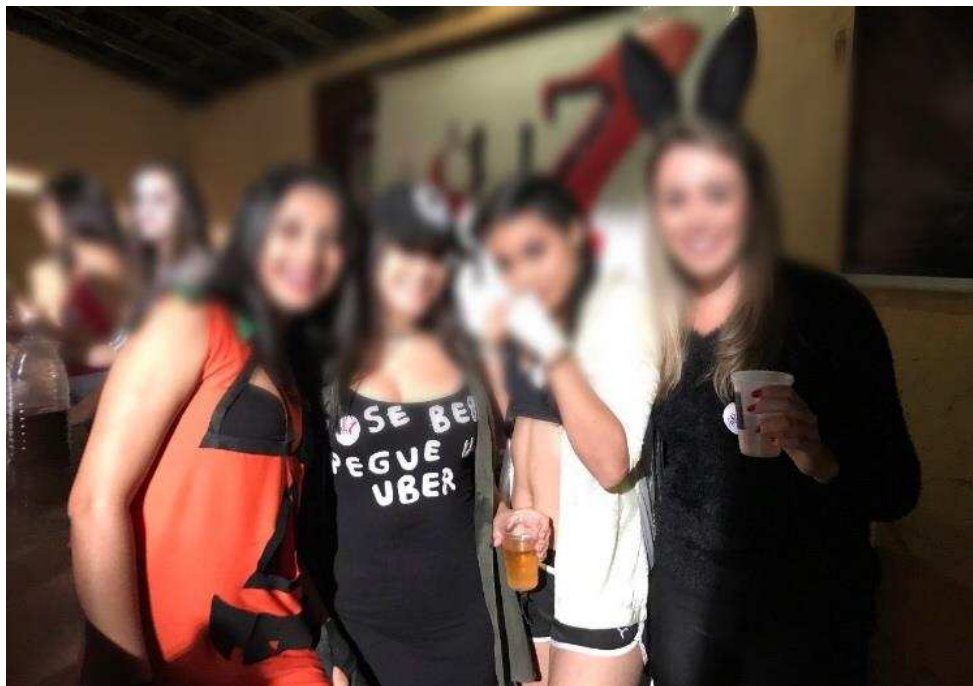


Figura 12: Fantasias de abóbora safadinha, Uber, lutadora e coelhinha da Playboy, respectivamente. Arquivo pessoal.

Seguindo essas fantasias, comecei a problematizar como aquelas discentes se fabricavam mulher dentro da república e na relação com as festas. A fantasia de Laura me chamou bastante atenção pela conotação que a frase pregada em seu vestido demonstrava. “Se beber pegue um Uber” indicava o quanto o significado de ser mulher para ela era atravessado pela perspectiva de um objeto a ser consumido; consumo este que se atrelava a outros prazeres como a prática, muito recorrente entre os estudantes, de consumirem muita bebida alcóolica. O que não é diferente da preocupação mostrada anteriormente por Patrícia que, apesar de não se compor para a festa com nenhuma roupa mais provocativa, sedutora e sexualizada, carregava consigo a preocupação de não se sentir desejada por homens.

A festa para a qual nos fantasiávamos recebeu o nome de “Spotted Party” devido a uma página (ou também chamada de comunidade) no Facebook conhecida como “Spotted UFV”. Esta página foi criada por uma pessoa que se mantém anônima, provavelmente um(a) estudante da UFV, e o seu objetivo consiste em que ali possa ocorrer o trânsito de recados anônimos

para diferentes pessoas, geralmente com uma conotação de paquera. Spotted, de acordo com um dicionário²⁶, significa “flagrado”, “visto”. Nesse sentido, a página funcionava da seguinte forma: Um(a) estudante observava alguém em algum espaço da universidade (ou da cidade), enviava um recado para a página, o administrador desta copiava o recado e colocava na página em um espaço que todos os seguidores da mesma conseguissem ler. Contudo, o autor do recado não aparecia identificado.

Na ocasião daquela festa, o administrador da página, em consonância com o organizador da Spotted Party, criou uma competição em que elegeria um rei e uma rainha do spotted, ou seja, o homem e a mulher que recebessem mais recados naquela semana seriam premiados no dia da festa, sendo chamados ao palco para receber uma coroa.

Para serem vistas, portanto, as participantes daquela república assumiam uma performance de feminilidade atrelada à sensualização. Contudo, ao seguir expressões femininas tão diferentes entre si como Laura e Patrícia, é importante assinalar que, nas dinâmicas de convívio daquelas moradoras, havia produção de feminilidades que autorizavam e/ou reprimiam diferentes expressões do feminino. Isso porque por trás de toda essa preocupação de Patrícia com seus modos de ser mulher existem construções sociais, relações de poder, produções de gênero que a produzem assim, a partir do momento que ela assume uma performance. O que não é diferente com as outras meninas moradoras da república, com seus modos de ser mulher e de viver as/nas festas.

Na semana da Spotted Party, os organizadores da festa mandaram uma mensagem para Mariana (a decana da república) sobre as vagas disponíveis para trabalhar nos bares da festa. Aquele(a) que conseguia uma dessas vagas, ganhava também o direito de entrar gratuitamente na festa; portanto era algo almejado por quase todas da república, exceto por Patrícia, que demonstrava não estar interessada em ir nessa festa. Mariana perguntou se ela (Patrícia) queria uma das vagas e quando esta disse que não, ouviu a seguinte frase da decana: “Você tem que participar mais das festas, assim não dá!” Isso fez com que Patrícia, novamente assumindo-se como inadequada, afirmasse que iria

²⁶ <Fonte: <https://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/spotted>> Acesso em: 20/12/2017.

repensar sua negativa e que, se conseguisse alguma fantasia legal, ela iria à festa. Mas, como a resposta para o trabalho no bar deveria ser dada naquele momento, Patrícia perderia o direito à cortesia.

Nos dias que se seguiram, percebi que as moradoras tentaram em diversos momentos sugerir algum tipo de fantasia para Patrícia, mas nenhuma delas se encaixava dentro dos seus modos de ser mulher, uma vez que ela não se sentia confortável em utilizar roupas que apelavam para a sensualidade. Ao mesmo tempo, ela não quis ir da forma como estava acostumada a se vestir, por temer a reação daqueles(as) todos(as) que, fantasiados(as), buscavam atrair alguma atenção para si. Se, por um lado, o convívio na república a convidava, em diversos momentos, a mudar referências sobre si mesma e experimentar outras afecções, geralmente esse universo de sensualização funcionava para ela como um mau encontro, produzindo em seu corpo mais um estado de ansiedade e tristeza do que de prazer. Vendo-se inadequada, sentia-se deslocada com relação a suas colegas de república, que usavam seus corpos para produzir efeitos de sedução. Igualmente se sentia deslocada a respeito dos atributos físicos que imaginava que os homens valorizavam em uma mulher. Possuía desejos de mudar, de ser outra pessoa no quesito sensualidade; queria se sentir desejada e querida, mas temia a inadequação e a rejeição. No fim das contas, ela acabou não indo à festa, protegendo-se em desculpas para lá não comparecer; mas sentia igualmente que era inadequada a suas colegas de república

No sábado, ficamos a tarde toda customizando as fantasias, e às 20h as moradoras que haviam conseguido uma vaga para trabalhar de apoio nos bares foram para a festa, que teria seu início às 21h. Como eu era uma moradora novata, não consegui uma vaga de trabalho naquele evento e, assim, tive que comprar o meu convite.

Fui para a festa em um ônibus disponibilizado especialmente para levar os festeiros àquele evento que transcorreu em um sítio na cidade de Viçosa. O local era conhecido por mim, uma vez que, durante o meu tempo como estudante de graduação, frequentei muitas festas naquele lugar. Quando cheguei, decidi que seria interessante eu acompanhar mais de perto o trabalho das moradoras no bar, e assim o fiz, indo até lá e ficando a maior parte do tempo perto delas, enquanto elas serviam bebidas às pessoas.

A impressão que eu tive era a de que trabalhar ali era extremamente divertido a elas, um bom encontro que produzia afetos alegres, pois as meninas mostravam muito entusiasmo no trabalho e nas interações que ativavam. Enquanto enchiam os copos, elas dançavam, sensualizavam, faziam uso das mesmas bebidas alcoólicas que serviam, paqueravam rapazes que iam a todo momento encher novamente seus copos. A participação da bebida em suas vidas de festa fazia parte da performance feminina por elas articulada; sempre com um copo na mão, sentiam-se integradas em um mundo onde sensualidade e bebida compunham uma maneira de ser mulher no convívio festivo.

O trabalho no bar era dividido por turnos de 3 horas, portanto elas foram incumbidas de servir o primeiro turno que começava às 21 horas, e saíam à meia noite, hora em que, segundo elas, era a melhor para aproveitar a festa, pois todos já estariam bêbados, se divertindo, e era a hora em que a melhor banda se apresentaria no palco. Cabe ressaltar aqui que o trabalho realizado às festas – realizado pelas moradoras da república feminina pesquisada – acontecia em forma de apoio, uma vez que elas não organizavam festas sozinhas. Elas apoiavam repúblicas masculinas organizadoras de festas, trabalhando com a divulgação e nos bares. Isso me fez refletir sobre a passagem da Bíblia citada neste trabalho que narra a mulher nascida a partir da costela de Adão, que foi criada para que o homem não ficasse sozinho, recebendo a função de “auxiliar”, como relatado na passagem. Será que essa condição de apoio, mas nunca de protagonismo, nas festas é sustentada por toda uma produção de subjetividade que “naturaliza” as mulheres no local de apoio aos homens e igualmente um campo de prazer onde eles podem usufruir suas necessidades sexuais? Até que ponto a postura das meninas da república era reforçadora de uma concepção hegemônica da produção do feminino e do masculino que sustenta uma supremacia masculina nas relações? O termo “apoio” remete ao que as meninas significam para os organizadores?

Acredito que as produções de subjetividade dominantes que vitalizam as festas das quais participei, e, em especial, esta que acompanhei com as moradoras da república, definem o papel das mulheres como “apoio” dos homens, uma “costela de Adão” a auxiliar com que eles realizem melhor seus propósitos: tanto em termos de conseguirem mulheres para cuidar dos bares

da festa, quanto também servi-los em suas fantasias sensuais. As mulheres cotadas para divulgar e trabalhar nos bares são consideradas atraentes, encaixam-se no padrão que, por exemplo, Patrícia afirma ser o considerado belo para uma mulher na universidade. Mulheres que fogem a esse padrão (mesmo que tal fato não seja explicitado pelos organizadores de festas), que não se vestem com roupas a desnudarem seus corpos, que não se afinam com uma perspectiva que valoriza o uso de bebidas alcoólicas, tendem a não ser convidadas como “apoio” na divulgação das festas e no trabalho nos bares. Afinal, existe a ideia de que mulheres consideradas bonitas participando da divulgação são responsáveis por atrair o público masculino para as festas.

Voltando ao relato da festa, à meia noite os estudantes (todos eles homens) encarregados da organização dos bares, disseram às meninas que a partir daquele momento elas estavam liberadas de suas funções. Foi quando as acompanhei para a área em frente ao palco e, naquele momento, eu percebi que teria que escolher qual delas seguir durante a festa, uma vez que elas começaram a se separar. Mariana acompanhou seus amigos, Letícia foi se juntar ao namorado que a estava esperando, Laura e Alice saíram juntas, e eu escolhi seguir as duas últimas, acredito que pela afinidade maior que eu desenvolvi com Laura.

Apesar de eu estar me divertindo, eu não conseguia ficar no mesmo ritmo e intensidade que elas, que conheciam praticamente todas as pessoas na festa, estavam consumindo uma quantidade de álcool que, para mim, era excessiva naquele momento. Em certo momento da festa, eu me encontrava apenas com Laura e uma amiga dela que eu conheci naquele dia. Elas estavam procurando alguns amigos para fornecer para elas um tipo de entorpecente muito utilizado por jovens em festas, conhecido popularmente como “Loló²⁷”. Dessa maneira, temos que não apenas o álcool era solicitado como modo de produzir um estado alterado de prazer e, assim, quando encontraram os procurados amigos, ficaram um bom tempo perto deles, conversando e fazendo uso do entorpecente. O encontro com a bebida alcoólica e com o Loló foi um movimento de Laura para perseverar seu

²⁷ Cheirinho da loló ou loló é o nome popular de um entorpecente preparado clandestinamente baseado em clorofórmio e éter. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cheirinho_da_lol%C3%B3> Acesso em: 24/07/2018.

conatus, aumentando sua potência de agir ao produzir afetos alegres. Os entorpecentes – a bebida e o Loló – fizeram com que o comportamento de Laura mudasse um pouco e, naquele momento, vi como ela estava mais alegre, solta, se divertindo, beijando alguns garotos de uma maneira que expressava seu desprendimento afetivo e sua felicidade.

Passadas algumas horas de festa, todas as mulheres da república que eu acompanhava haviam desaparecido. Decidi, portanto, pegar um taxi e ir para a república, sentindo que o meu encontro com aquela festa produziu afetos que balançaram as linhas dos meus modos de ser, principalmente quando senti o quanto minhas composições de mundo e de feminilidade entravam em estranhamento com as de Laura: com suas experimentações, soltura, entorpecimentos, modos de sensualização.

Quando temos a sensação de algo que nos é estranho, existe o indicativo de que estamos assustados com algo que não nos é rotineiro, que não faz parte dos nossos regimes de verdade, do nosso território de segurança identitária. Assim, estranhar outras produções de realidade é um movimento que pode vir repentinamente causando instantes de surpresa e de insegurança, nos levando a romper com nossas garantias. Um estranhamento pode levar a um processo de des(territorialização) de intensidades organizadas e foi isso que essa pesquisa causou em mim em vários momentos, quando no encontro com fezes de gatos, bagunça de quartos, sensualização dos corpos, entorpecimentos químicos, senti o afetar das linhas de minha organização de vida. Eram, pois, outros currículos, outros conhecimentos que habitavam aquelas mulheres; conhecimentos estes que não eram os mesmos que eu compus em minha própria república, quando era estudante da mesma instituição onde elas faziam seus cursos superiores.

Para me sentir bem dentro da república pesquisada, tive que criar pequenos novos territórios que me ajudaram dar continuidade ao processo de escrita deste trabalho e chegar até o fim do caminho por mim proposto. Fim, palavra que significa, de acordo com um dicionário on-line²⁸, “momento ou ponto em que se interrompe algo”. O fim dessa dissertação não indica que a história acabou, mesmo porque eu apenas “interrompi” os encontros com os

²⁸ Disponível em: < <https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=fim> > Acesso em: 02/04/2018

fluxos de vida que irrompiam dentro daquela república. Fiz um mapeamento de algumas intensidades, alguns roteiros de conhecimento, que pediram passagem durante o tempo como moradora daquela casa, como companheira das moradoras que, à época, faziam daquela república uma experiência de partilha onde atravessava a sexualidade, a feminilidade, as festas, os conflitos no cotidiano de organização de uma casa plural. A vida como um fluxo continua, outras histórias poderão ser contadas a quem decidir se jogar na dança da vida de uma república.

7 – CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS

Uma escrita que se propõe rizomática – pois focada no processo de seguir os movimentos que tomam forma no cotidiano vivo das convivências – pode ser algo desesperador. Deparei-me inúmeras vezes com a tela do word em branco na minha frente, sem saber por onde começar, já que não existe um ponto de início quando se seguem diferentes intensidades. Começar uma pesquisa nessa perspectiva, é sempre já estar “no meio” de um processo. Desta maneira, minha entrada no cotidiano da república foi pelo meio, entrei em um espaço onde a vida desabrochava e me deparei com um fluxo desordenado de cenas e acontecimentos que me fizeram ficar desarrumada (sem rumo e bagunçada) muitas vezes sem saber qual/quais escolher. Nesses momentos, onde era povoada por muitas experiências vividas nos diferentes trajetos na república pesquisada, debruçar-me a escrever sobre os acontecimentos/cenas que me afetaram de alguma forma se mostrou a melhor escolha. Assim, escrevi essa dissertação a partir dos meus afetos, dos meus encontros vividos com/na república, com aquelas diferentes meninas e seus modos de viver singulares.

No realizar esta pesquisa nos cotidianos de uma república feminina vi sustentada a minha hipótese de que nesses espaços acontecem produções de conhecimentos, de currículos praticados no convívio e que interferem para a formação dessas estudantes. São conhecimentos que surgem no construir diário das relações, onde questões sobre sexualidade, prazer, organização do convívio, exercício de limites, consideração pela diferença que a presença do outro exerce nos espaços de partilha..., tudo isso surge como fatores que compõem experiências existenciais.

Quando, pois, um sujeito deixa a sua cidade natal, afastando de um território seguro – pois (re)conhecido em sua experiência de vida – para se lançar a uma novidade, que é a mudança para uma cidade universitária como Viçosa, a fim de morar em repúblicas, há potencialmente transformações de perspectivas de vida que podem tanto aumentar quanto diminuir a potência de existir daqueles que se lançam a essa abertura de universo.

Nesse sentido, encontro indicações, a partir desta pesquisa, que o encontro de estudantes universitários com repúblicas estudantis promove maneiras de pensar, de viver e de produzir realidades, uma vez que, como ocorreu a Patrícia, cada sujeito em sua singularidade sofre influência dos processos de subjetivação que se tornam hegemônicos no convívio e tem que tentar se adaptar às diferentes políticas e estéticas existenciais com as quais toma contato.

Viver em uma república é aprender a compartilhar, a viver-junto, a organizar, a planejar, a cuidar. Essa importância é reconhecida e validada também pelos estudantes da UFV em todos os anos, durante as cerimônias de formatura. Isso porque uma comissão discente é eleita para organizar o convite de formatura. Este é composto por fotos das turmas dos diferentes cursos que estão se graduando, e no convite também ganham destaque diversas mensagens em forma de agradecimento aos pais, aos mestres, à instituição, dentre outros. Não é incomum também haver um agradecimento especial às repúblicas, como mostrado na imagem a seguir:

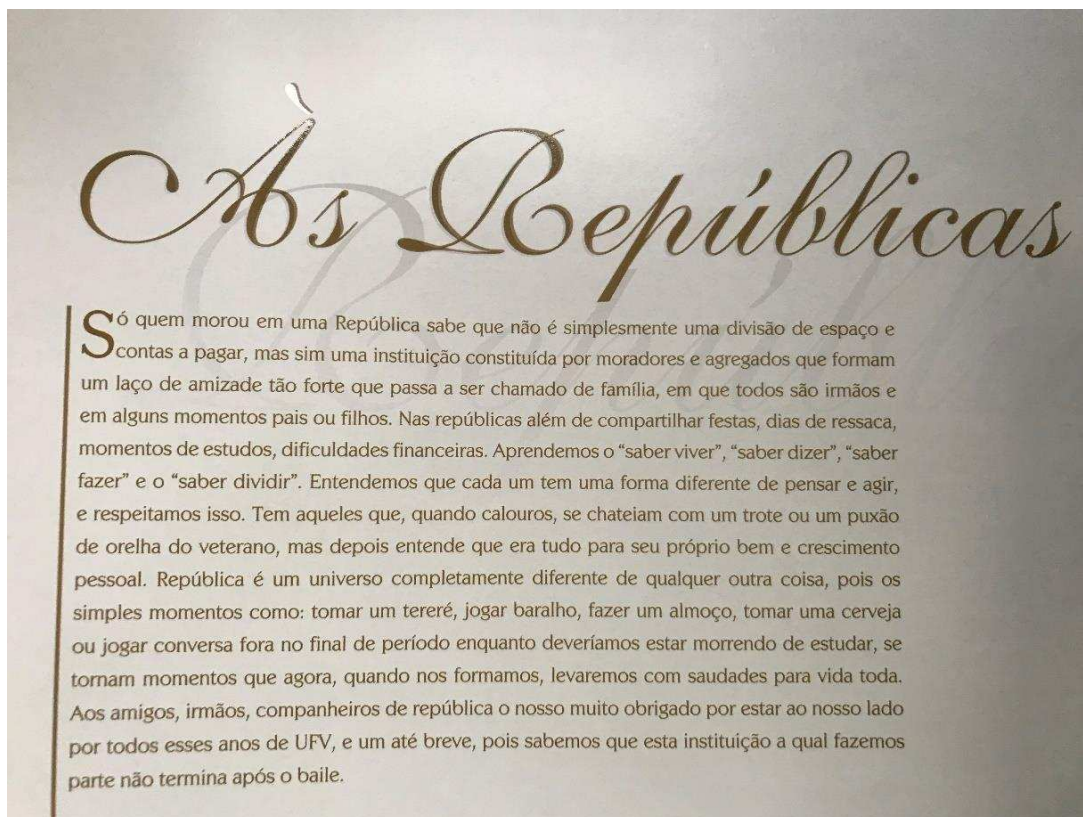


Figura 13: Agradecimento às repúblicas (Convite de formatura da UFV)

Só quem morou em uma República sabe que não é simplesmente uma divisão de espaço e contas a pagar, mas sim uma instituição constituída por moradores e agregados que formam um laço de amizade tão forte que passa a ser chamado de família, em que todos são irmãos e em alguns momentos pais ou filhos. Nas repúblicas além de compartilhar festas, dias de ressaca, momentos de estudos, dificuldades financeiras. Aprendemos o “saber viver”, “saber dizer”, “saber fazer” e o “saber dividir”. Entendemos que cada um tem uma forma diferente de pensar e agir, e respeitamos isso. Tem aqueles que, quando calouros, se chateiam com um trote ou um puxão de orelha do veterano, mas depois entende que era tudo para o seu próprio bem e crescimento pessoal. República é um universo completamente diferente de qualquer outra coisa, pois os simples momentos como: tomar um tereré, jogar baralho, fazer um almoço, tomar uma cerveja ou jogar conversa fora no final de período enquanto deveríamos estar morrendo de estudar, se tornam momentos que agora, quando nos formamos, levaremos com saudades para a vida toda. Aos amigos, irmãos, companheiros de república o nosso muito obrigado por estar ao nosso lado por todos esses anos de UFV, e um até breve, pois sabemos que esta instituição a qual fazemos parte não termina após o baile.

E mesmo algumas repúblicas chegaram a ganhar destaque no convite de formatura supracitado, onde seus nomes surgem discriminados ao lado do texto de agradecimento:



Figura 14: Logomarca de repúblicas em convite de formatura/UFV

As escolhas pelos termos “aprendemos” e “entendemos”, presentes no texto de agradecimento às repúblicas, me remetem ao reconhecimento por parte dos próprios estudantes de como a república é um local de produção de currículos e conhecimentos que contribuem para a formação destes sujeitos. Um caminho de vida se torna legitimado no trânsito de uma república, o que faz com que Laura possa tanto usar Loló quanto beber exageradamente sem que isso seja considerado uma indisciplina, um destempero, um erro de conduta. Há todo um meio universitário, sustentado no convívio entre repúblicas, que legitima tais atitudes enquanto, por outro lado, pode vir a condenar posturas menos extrovertidas, como as de Patrícia. As repúblicas praticam, pois, diferentes currículos que dão visibilidade a determinadas atitudes, como igualmente podem vir a invisibilizar ou desqualificar outros conhecimentos e condutas. Os conhecimentos vivenciados dentro de uma república estudantil são singulares, produzem os estudantes em seus modos de agir até mesmo dentro da universidade.

No processo desta pesquisa, também ganha destaque a importância que as festas têm para alguns estudantes, principalmente moradores de repúblicas que se dedicam a organizar/apoiar festas. Muitas vezes, como observado no caso de Laura, os compromissos acadêmicos ficam em um plano secundário, sendo que há uma maior dedicação à organização de festas, por ser um atrativo financeiro e também por realização pessoal. Esse fato gerou até uma brincadeira de algum estudante que enviou uma mensagem para o administrador da página Spotted UFV, como na postagem a seguir:

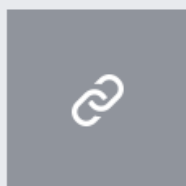


Spotted UFV - Não Custa Tentar

8 h · 🌐



#S4932 Eu acho que as festas de viçosa, no geral, deveriam gerar certificado de participante no RAEX (<https://www2.dti.ufv.br/raex/scripts/certificado.php>). São cheias de músicas riquíssimas em conteúdo erudito, além de permitir que os homens e as mulheres passem por situações constrangedoras que contribuem para a formação pessoal. Um dia, nós estudantes, alcançaremos essa conquista! Por mais horas complementares via rolês.



www2.dti.ufv.br

RAEX - Registro de Atividades de Extensão

Figura 15: Imagem da página Spotted UFV no facebook

Sustentar a hipótese de que repúblicas estudantis e as festas são locais de produção de outros currículos foi algo desafiador, uma vez que não pretendi apresentar verdades a respeito da vida em república, mas seguir produções de verdade no cotidiano das moradoras da república pesquisada. Assim, segui os afetos que emergiram das cenas que me afetaram, o que me conduziu a discussões sobre gênero e produção de feminilidades, ao me deparar com modos de ser mulher tão distintos que transbordavam dentro de uma mesma república: Laura e Patrícia.

Outro caminho percorrido, disse respeito à produção de regras e modos de viver junto, onde segui as tensões provocadas no convívio por Marcela; tensões estas que desnudaram um compromisso com o coletivo que exigia de todas as moradoras uma postura mais cúmplice e menos individualista. Havia

regras – nem todas explicitamente anunciadas – de preservação dos espaços públicos da casa e igualmente da preservação da imagem da república no processo de colaboração nas festas estudantis que elas apoiavam.

Nesse sentido, sem necessariamente ter um conceito pré-definido para ser pesquisado (como gênero, feminilidade, amizade, ação coletiva), construí este trabalho a partir dos afetos que me conduziram, a partir das afecções que produzi com diferentes corpos: gatos, fezes, festas, bebidas, roupas, fantasias, dentre outras. Foram a partir desses encontros que alguns conceitos foram trabalhados no ato de seguir linhas de intensidade no convívio que, de certa maneira, se entrelaçavam com minha própria singularidade de vida. Assim, realizar esta pesquisa nos cotidianos da república me permitiu seguir vários fios que se conectavam, relacionados, também, à moral, ética, religião, construções de gênero, feminilidades, currículos, amizade, cooperação, diferença, dentre outros.

Contudo, não pretendi totalizar e/ou esgotar as discussões, apenas indicar possíveis caminhos argumentativos no seguir os fios de afetos que me ativaram. Acredito que muitas outras trajetórias argumentativas poderiam e ainda podem ser feitas envolvendo outros elementos que fluam a partir dos encontros.

8 – REFERÊNCIAS

- ALTAF, Gabriela Berutto. **As belas que me perdoem**: Marcas do feio na contemporaneidade. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura. - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2014.
- BARROS, Laura Pozzana de, KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana da, (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. P. 52-75.
- BÍBLIA SAGRADA** – São Paulo: Editora Paulus, Edição Pastoral, 1990.
- BORGES, José Marcondes, SABIONI, Gustavo. Soares. Legislação de Importância Histórica. Editora UFV, Viçosa, MG, 2010.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 8ª, ed., 2002.
- CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- COSTA, Gerson. Carlos de Oliveira, OLIVEIRA, Pedro de. **Moradias Estudantis**: Uma política pública na consolidação do Direito à Cidade. Disponível em: <http://www.lugarcomum.ufba.br/urbanismonabahia/arquivos/anais/ex3_moradias-estudantis.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2017.
- DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. São Paulo: Ed. 34, Vol. 1, 2000.
- _____. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed.34, Vol. 4, 1997.
- DINIS, Nilson Fernandes. **Por uma pedagogia queer**. Itinerarius Reflectionis, Revista eletrônica do curso de Pedagogia do campus Jataí, UFG, v. 9, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/27710>> Acesso em: 05 de abril de 2018.
- ELIAS, Norbert – **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERREIRA, Flavia Turino. **Rizoma: Um método para as redes?** Liinc em Revista, v.4, n.1, março 2008, Rio de Janeiro, p.28-40.
- GOLDEN, Arthur. Memórias de uma gueixa. Tradução de Lya Luft. 3ª edição. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006. 460 p.
- GUATTARI, Felix. e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2005.

HUSTON, Nancy. **1953 – A espécie fabuladora**. Trad. por Ilana Heineberg. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

LARRAURI, Maite. **A Felicidade segundo Spinoza**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LOPES, Eduardo Simonini. **Entre o eu e o outro: Espaço sem territórios: Processos de subjetivação de estudantes calouros na Universidade Federal de Viçosa/MG**. 2004. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Viçosa, 2004.

_____. **Praticantes de mundos: a invenção de cotidianos discentes em uma universidade**. 2011. 258f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MACHADO, Luis Otávio. **As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto**. Brasil. Revista Crítica de Ciências Sociais, out. 2003: 197-199.

MALTA, Eder. **Identidades e Práticas Culturais Juvenis: As Repúblicas Estudantis de Ouro Preto**. Dissertação de mestrado. 2010. 155f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Núcleo de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe. 2010.

MORAES, Vinicius. **Samba da Benção**. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/musica/cancoes/samba-da-bencao>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2017.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos pensados praticados pelos praticantes pensantes dos cotidianos das escolas**. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (Orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Rio de Janeiro: DPetAII, 2012.

_____. **Currículos Praticados: regulação e emancipação no cotidiano escolar**. Trabalho apresentado no GT 12 da 26ª Reunião Anual da ANPed. Caxambu, 2003.

PITTY, PITTY. Admirável Chip Novo. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/pitty/admiravel-chip-novo/>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2016.

RIBEIRO, Artur. **Perspectiva Histórica da República de Coimbra**. Disponível em: <<http://www.uc.pt/rualarga/anteriores/19/16>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2016.

RODRIGUES, Carla. **Butler e a desconstrução do gênero**. Rev. Estud. Fem. v. 13. n. 1, p. 179-183. Florianópolis, Abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100012> Acesso em: 29 de janeiro de 2018.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia e Sociedade*, 21 (2), p. 166-173, 2009.

SALIH, Sara. Judith Butler e a teoria queer. Louro, Guacira Lopes. 2012. Autêntica editora, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa– **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SIMONINI, Eduardo. Por que falar das pedras? In: OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.). **Práticas cotidianas e emancipação social: do invisível ao possível**. Rio de Janeiro: DP ET Alii, 2010, p. 87-98.

_____. Currículo e Devir. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; RANGEL, Iguatemi Santos; CARVALHO, Janete Magalhães; NUNES, Kezia Rodrigues (Orgs.). **Diferentes perspectivas de currículo na atualidade**. Rio de Janeiro: DPetAlii, 2015, p. 63-78.

SIMONINI, Eduardo; GUIMARÃES, Mirtes Aparecida dos Reis. **O Instante fecundo**: ou sobre o tempo, o acontecimento e a aprendizagem. *Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE.UFES*, v. 45, p. 94-108, 2017.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. spe., p.70-77, 2008

SPINOZA, Benedictus de. 1632-1677. **Ética**; tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução: Waldea Barcellos. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1992.